CORIOLANO DE MEDEIROS

notícia biobibliográfica

EDUARDO MARTINS

A UNIÃO CIA EDITORA

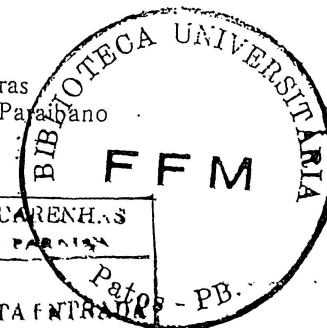
Do autor:

a) Poesia.

POEMAS, 1947.
NOVOS POEMAS, hai-kai, 1948.
POEMAS JAPONESES, tanka e hai-kai, 1950.
BREVE ANTOLOGIA BRASILEIRA DE HAI-KAI, 1954.
ACALANTO, 1968.
ÁRIA SERENA, hai-kai, 1969.
SOLITUDE, 1970.
POEMAS DE LANGSTON HUGHES, 1970.
HOLDERLIN 12 POEMAS, 1970.

b) Prosa.

ALLYRIO MEIRA WANDERLEY. Discurso de posse na Academia Paraibana de Letras, 1971.
ELYSEU ELIAS CEZAR. Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, 1975

EDUARDO MARTINS
da Academia Paraibana de Letras
e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

CORIOLANO DE MEDEIROS

Notícia Biobibliográfica

Edição Ilustrada

1975

CORIOLANO DE MEDEIROS
Notícia Bibliográfica

Edição Comemorativa do
1º Centenário de nascimento de Coriolano de Medeiros
Sob os auspícios da Secretaria de
Educação e Cultura do Estado da Paraíba
30 de novembro de 1975

"O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude logo que pisamos o terreno da morte; não digo que ele não se estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados". - Memórias póstumas de Brás Cubas, MACHADO DE ASSIS.

CORIOLANO DE MEDEIROS
Notícia Biobliográfica

Do mundo tenho impressões que pungem; dele só levo desilusões amargas.

Coriolano de Medeiros.

I - BIOGRAFIA

João Rodrigues CORIOLANO DE MEDEIROS, nasceu numa terça-feira, dia 30 de novembro de 1875, não exatamente em Santa Terezinha ou São José do Bomfim mas, precisamente próximo à linha divisória entre ambas às margens do Riacho Cipó, no sopé da Borborema, na localidade denominada Sítio "Varzea das Ovelhas", então município do Grande Patos. Era filho de Aquilino Coriolano de Medeiros e de sua esposa d. Joana Maria da Conceição; neto paterno do professor Francisco Herculano de Medeiros, primeiro tabelião público de Patos, e de d. Maria Joana da Silva; neto materno de Manuel Rodrigues e de d. Joana Maria da Conceição. O seu bisavô Cosmo Vieira da Silva, tronco da família Vieira, de Patos, viera do Icó, no Ceará. Com apenas dois anos de idade, assolados pela seca de 1877, seus pais emigraram para a capital do Estado. Pouco tempo depois, acometido de sezão, veio a falecer seu pai. Viúva, d. Joana Maria da Conceição, contraiu segundas núpcias com o sr. Vitorino da Silva Coelho Maia a quem Coriolano de Medeiros dizia tudo dever.

Na idade escolar, ingressou numa escola particular dirigida pela professora Cecília Cordeiro, depois, frequentou a de **seu Quintino**, a do professor Antônio Ribeiro Guimarães, a do Manuel Fortunato. Concluído o Primário, matriculou-se no Liceu Paraibano onde, em 1891, terminou os preparatórios. No ano seguinte rumou para o Recife em cuja Faculdade de Direito cursou até o terceiro ano. Deixando os estudos, entrou para o comércio e, logo depois, para o serviço público, como funcionário dos Correios, onde esteve de 1889 a 1900. Colaborando na imprensa, encontramo-lo redator d' "O Commercio" de Arthur Achilles, a partir desta data. Em 1901 passou a integrar a Banda do Clube Astréa, iniciando, assim, uma carreira musical. Tocava pratos, depois, clarineta. Dedicando-se à música, participou, então da fundação do Club Symphonico. Por essa época gostava de realizar serestas em sua casa de veraneio na praia do Poço, chegando mesmo "a perpetrar algumas canções". Nesse tempo, dedicava-se ao magistério particular, voltando, porém, em 1905, aos labores da vida comercial.

Em 1910, pelo Presidente Mons. Walfredo Leal, foi nomeado Escriturário da Escola de Aprendizes Artífices, sendo em 1922 seu Diretor, cargo em que se aposentou. Foi o pioneiro no Estado, do ensino dirigido.

Sócio fundador do Centro Literário Paraibano (1), no remoto ano de 1893; do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (2), integrando a sua primeira diretoria; da Universidade Popular (3), agremiação cultural com sede no Teatro Santa Roza; da Associação d'Homens de Letras (4), sociedade de feição acadêmica com trinta membros efetivos, criada por sugestão do dr. Camillo de Hollanda, então Presidente do Estado; fundou, em companhia de Pedro Baptista, Hortensio de Souza Ribeiro, José Gomes Coêlho e Matheus de Oliveira, o Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba (5) cuja revista GEGHP tomou a seu cargo a direção e as despesas, com o falecimento do escritor Pedro Baptista e, ainda, por sua iniciativa, fundou a Academia Paraibana de Letras (6), ponto culminante da sua atividade intelectual, onde ocupou a Cadeira 7 patrocinada por Arthur Achilles. Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Centro Polimático de Natal, R. G. do Norte; do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, São Paulo; e detentor da Medalha Deodoro da Fonseca do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano. Professor, poeta, jornalista, historiador e romancista. Privado da visão, durante vinte e cinco anos, viveu em solidão, acompanhado, apenas, por D. Joana Batista da Silva, governanta, e seu filho José, admitidos com a morte da sua esposa D. Eulina de Medeiros.

Faleceu às 7:30 hs do dia 25 de abril de 1974, em sua residência na antiga Rua do Sertão, 232, bairro do Cordão Encarnado, na capital paraibana, de onde nunca se afastou.

II - BIBLIOGRAFIA

1. Livro e Opúsculo

a) Publicado

1 - DICCIONÁRIO CHOROGRAPHICO DO ESTADO DA PARAHYBA. Imprensa Oficial, Parahyba, 1914. 112p., 22cm.; 2ª ed., aumentada, nota introdutória de Augusto Meyer. Ed. do Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950. Il. com um mapa do Estado. XIII + 269p., 24cm. (Col. Enciclopédia Brasileira, do Instituto Nacional do Livro).

2 - DO LITORAL AO SERTÃO, contos inspirados na paisagem, nos tipos humanos, nos costumes provincianos. Ils. de Genezio de Andrade. Edição da Popular Editora, F. C. Baptista & Irmão. Parahyba, 1917. 95p., 19cm.

3 - O TESOURO DA CEGA, drama em três atos. Com uma apreciação de Simão Patrício. Parahyba do Norte. X 44p., 21cm.

4 - ESTADO DA PARAHYBA, in "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil" (Comemorativo do Primeiro Centenário da Independência), II vol. Ed. da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1922, para o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pags. 661 a 741, com exceção do capítulo sobre Instrução Pública, este de autoria do dr. Alcides Bezerra, conforme observação final.

5 - RESENHA HISTORICA DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES do Estado da Parahyba do Norte (5 de janeiro 1910 - 30 de junho 1922). Parahyba do Norte, Brasil, 1922. 10 p. 22 cm

6 - 24 DE FEVEREIRO, promulgação da Constituição Brasileira. E 2 DE JULHO DE 1925, centenário da Confederação do Equador. Palestras proferidas na Escola de Aprendizes Artífices da Parahyba do Norte, em 1925, integrantes de uma série realizada pelo corpo docente e pessoal administrativo daquele educandário, subordinadas ao tema "Datas Nacionais". Parahyba, s. ind. tip., 1925. Il. 116p., 18cm.

7 - OS CINCO HERÓIS DA CONQUISTA, conferência realizada no Instituto Histórico e Geographico Parahybano, perfilando o Índio Piragibe, o Diretor-Geral Martim Leitão, os Capitães-Móres João Tavares e Frutuoso Barbosa e o fundador da Santa Casa de Misericórdia na

Parahyba, Duarte Gomes da Silveira. Parahyba do Norte, s. ind. tip., 1925, 10p., 20cm.

8 - MESTRES QUE SE FORAM, biografias. Doze artigos de jornal, nove dos quais publicados, em 1923, no "O Educador", órgão do professorado primário da Capital. Parahyba do Norte. S. ind. tip., 1925., 22p., 20cm.

9 - FOLK-LORE PARAHYBANO. Separata da "Revista do Instituto Histórico Brasileiro" (Congresso Internacional de História da América), pags. 295 a 313. Nº 127 da Biblioteca Brasiliense J. Leite. Liv. J. Leite, Rio de Janeiro.

10 - MEMORIAL apresentado ao Exmº Sr. Dr. Washington Luiz pelo Diretor interino da Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba, em Agosto de 1926, quando da passagem de S. Excia., como presidente eleito, pela capital paraibana. Mimeografado.

11 - O BARRACÃO, romance. Com um glossário regional. Ed. Artes Gráficas da Escola de Aprendizes Artífices de Pernambuco. 1930, 109p., 20cm.

12 - MANAÍRA ou nas trilhas da conquista do sertão. Novela histórica. Prefácio de Affonso de E. Taunay. Ed. da Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo, 1936., 179p., 18cm.

13 - A EVOLUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DE PATOS, palestra proferida por ocasião do 150º aniversário da criação da paróquia de Patos. Tip. d'"A Imprensa", João Pessoa, Pb. 1938, 15p., 18cm.

14 - PALAVRAS, palestra realizada na inauguração da Biblioteca Pública do Estado. Ed. da Escola de Aprendizes Artífices na Paraíba. João Pessoa, 1939, 7p., 24cm.

15 - RELATÓRIO, apresentado ao sr. Diretor da Divisão do Ensino Industrial pelo Diretor da Escola de Aprendizes Artífices na Paraíba, relativo ao período compreendido entre 5 de janeiro de 1910 e 5 de janeiro de 1940; seguido das informações sobre o movimento da mesma Escola e da Associação Cooperativa e de Mutualidade, no ano de 1939. Tip. da Escola de Aprendizes Artífices na Paraíba, João Pessoa, 1940. Ils. fora do texto. 57 p. 22 cm.

16 - O TAMBIÁ DA MINHA INFÂNCIA, memórias ligadas ao bairro metropolitano e à cidade antiga. Pref. de Francisco Pedro Carneiro da Cunha, Ed. da Secção de Artes Gráficas da Escola Industrial de João Pessoa, Pb. 1942. Capa de Abelardo Guilherme dos Santos, VII - 107p., 19cm.

17 - SAMPAIO, memórias, reminiscências de um boêmio espirituoso e de outras figuras de antanho. Com uma carta de Álvaro de Carvalho. Editora Teone S.A., João Pessoa, Pb. 1958. Capa de Dulcídio Moreira. 94p., 23cm.

b) Inédito

1 - O CONSULTÓRIO DO DR. MOILET, revista em dois atos. Manuscrito. Parahyba do Norte, 24 de junho de 1917.

2 - A VINGANÇA DO QUEBRA-KILO, drama em três atos. Ação: interior da Parahyba. Manuscrito. Parahyba do Norte. S/data.

3 - PESCANDO NOIVOS. Esboço de Revista, em dois atos e cinco qua-

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO

DO

Estado da Parahyba

POR

J. R. Coriolano de Medeiros

Socio fundador do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO, e correspondente do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE, do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO e do CENTRO DE SCIENCIAS LETTRAS E ARTES DE CAMPINAS.

IMPRENSA OFFICIAL
PARAHYBA • • 1914

Frontispicio da edição original

dros, e 7 números de músicas. Cost da Parahyba. Manuscrito. Parahyb do Norte. Janeiro, 1921.

4 - O RASTAURADOR, peça em u n, apresentada pelo Grupo "Thalia" do qual era presidente, no dia e março de 1922, no Teatro Santa Roza, em homenagem a André V de Negreiros. Parahyba.

5 - VAMOS COMER UM CEVADO, ta em dois atos. Manuscrito. Paraíba do Norte, junho, 1932.

6 - FECHADA PARA O ALMOÇO, ogo, para o Rádio Clube de João Pessoa. Manuscrito. João Pessoa, sto de 1933.

7 - AGUENTA, CHICO! Revistinha. anuscrito. João Pessoa, Pb., Agosto de 1933.

8 - A MOÇA DA CAVEIRA, episódio a Revolução de 1817. Manuscrito. Paraíba do Norte. S/ data.

9 COMO SE PASSA A FESTA. Esboço de revista musical, em três atos para creanças. Contendo o "Canto do Serenateiro" com música e letra de sua autoria. Manuscrito. Paraíba do Nor . S/data.

2. Esparso em Jornal e Revista

a) Poesia

1 - FELICITAÇÃO, in "O Commercio", sob o pseudônimo de Libório de Assumpção. Parahyba, 19.6.1900.

2 - AO ARTHUR ACHILLES, in "O Commercio", sob o pseudônimo de Libório de Assumpção. Parahyba, 20.6.1900.

3 - SUPLICIO DE BRANCA DIAS. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 05.8.1900.

4 - NO PÁTEO, in "O Commercio", Parahyba, 08.8.1900; 09.8.1900; 10.8.1900; 11.8.1900; 14.8.1900; 15.8.1900; 17.8.1900.

5 - CREANÇA. In "O Commercio", Parahyba, 03.01.1901.

6 - ..., in "O Commercio", Parahyba, 07.01.1901.

7 - NÃO MAIS..., in "O Commercio", Parahyba, 10.01.1901.

8 - DE VOLTA. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 15.02.1901.

9 - NUNCA. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 19.03.1901.

10- RESURREIÇÃO. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 06.04.1901.

11 - CANÇÃO, poema em prosa, in "O Commercio", Parahyba, 13.04.1901.

12 - COVARDE. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 17.04.1901.

13 - SOL..., poema em prosa, in "O Commercio", Parahyba, 24.04.1901.

14 - IDÍLIO, in "O Commercio", Parahyba, 02.05.1901.

15 - DOMADO. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 04.05.1901.

16 - SERTÃO, poema em prosa, in "O Commercio", Parahyba, 16.05.1901.

17 - O PENSAMENTO. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 02.06.1901.

18 - LEMBRAS-TE?..., in "O Commercio", Parahyba, 12.10.1901.

19 - PROFISSÃO DE FÉ, in "O Commercio", Parahyba, 12.04.1903.

20 - FINAL CONFORTO. Soneto. In "O Commercio", Parahyba, 13.11.1904.

21 - CANÇÃO SEM METRO, in "O Commercio", Parahyba, 30.12.1904.

22 - LEMBRANÇA... SAUDADE..., in "O Commercio", Parahyba, 20.01.1905.

23 - NUNCA MAIS. Soneto. In "Almanach do Estado da Parahyba", 1914.

24 - CORAÇÃO QUE SOFRE (versos escritos para uma valsa de Camillo Ribeiro, de igual nome), in "Correio da Manhã", Parahyba, 25.01.1917.

25 - PÁGINA ANTIGA, versos a Américo Falcão. "Era Nova" nº 18, Parahyba, 25.12.1921.

26 - AGRADECIMENTO, versos lidos numa reunião do Rotary, João Pessoa, 1944.

27 - PATOS. Soneto. In "A Imprensa", João Pessoa, Pb. 25.08.1948.

b) História e Literatura autobiográfica

1 - FOLHETIM (Libório deAssumpção), in "O Commercio", Parahyba, 25.02.1900; 18.03.1900; 25.03.1900; 15.04.1900; (Patriotas de 1817), 22.04.1900; 20.05.1900; 03.06.1900; 24.06.1900.

2 - INGLESES E BOERS, in "O Commercio", Parahyba, 11.03.1900.

3 - O 4º CENTENÁRIO, in "O Commercio", Parahyba, 03.05.1900.

4 - UMA HISTÓRIA, in "O Commercio", Parahyba, 09.05.1900.

5 - OS DOIS DURAND, de Henri Malo, versão de Libório de Assumpção, in "O Commercio", Parahyba, 31.05.1900.

6 - PARA O REI DA PRUSSIA!, de Arthur Dourliac, versão de Libório Assumpção, in "O Commercio", Parahyba, 08.06.1900.

7 - ESFOMEADOS, de Georges d'Esparbes, versão de Libório de Assumpção, in "O Commercio", Parahyba, 17.06.1900.

8 - O SENTINELA ROUSTAN, de Arthur Dourliac, versão de Libório de Assumpção, in "O Commercio", Parahyba, 22.07.1900.

9 - O DIVÓRCIO (Libório de Assumpção), in "O Commercio", Parahyba, 29.07.1900.

10 - UMA ESMOLA (Libório de Assumpção), in "O Commercio", Parahyba, 28.08.1900.

11 - O SÉCULO QUE FINDA, in "O Commercio", Parahyba, 01.01.1901.

12 - O NATAL DO CENTURIÃO, trad., de Gustavo Goetschy, in "O Commercio", Parahyba, 05.01 e 07.01.1901.

13 - UMA QUESTÃO DE ARTE (pseud. Heraclito), in "O Commercio", Parahyba, 19.01.1901.

14 - UMA QUESTÃO DE ARTE (pseud. Heraclito), 2ª Resposta, in "O Commercio", Parahyba, 30.01.1901.

15 - UMA QUESTÃO DE ARTE (pseud. Heraclito), 3ª Resposta, in "O Commercio", Parahyba, 31.01.1901.

16 - UMA QUESTÃO DE ARTE (pseud. Heraclito), Resposta à 1ª tré-

...a. In "O Commercio", Parahyba, 05. ...1901; 06.02.1901; 07.02.1901; 02.1901.

17 - VEM..., in "O Commercio", Para...ba, 23.02.1901.

18 - QUANDO PARTIR (Libório de A...umpção, in "O Commercio", ...rahyba, 01.03.1901.

19 - CHRONICA (Libório de Assu...pção), in "O Commercio", ...rahyba, 02.03.1901.

20 - PRIMAVERA, in "O Commercio". Parahyba, 02.03.1901.

21 - CRÊ, in "O Commercio", Parahy..., 06.03.1901.

22 - O QUE DESEJO, in "O Commer...o", Parahyba, 16.03.1901.

23 - IDEALISMO, in "O Commercio", Parahyba, 22.03.1901.

24 - NO PARAÍSO, in "O Commercio". Parahyba, 30.03.1901.

25 - RECORDAÇÕES (Libório deAssumpção), in "O Commercio", ...arahyba, 30.03.1901.

26 - JUDAS, in "O Commercio", Parahyba, 06.04.1901.

27 - CELICA, in "O Commercio", Parahyba, 29.04.901.

28 - RECUERDO, in "O Commercio", Parahyba, 12.05.1901.

29 - NARRATIVA, in "O Commercio", Parahyba, 20.05.1901.

30 - MALDITA, in "O Commercio", Parahyba, 16.06.1901.

31 - NOTURNO, in "O Commercio", Parahyba, 07.07.1901.

32 - A VIOLA MALDITA, in "O Commercio", Parahyba, 02.08.1901.

33 - NOIVOS, in "O Commercio", Parahyba, 11.08.1901.

34 - ANJO DE CONCÓRDIA, in "O Commercio", Parahyba, 01.09.1901.

35 - NAIR, in "O Commercio", Parahyba, 17.09.1901.

36 - ESQUECE-ME, in "O Commercio", Parahyba, 04.10.1901.

37 - A CONQUISTA DO AR, in "O Commercio", Parahyba, 27.10.1901.

38 - SE O PATRÃO QUIZESSE..., in "O Commercio", Parahyba, 31.10.1901.

39 - EM REVISTA (José Tambiá), in "O Commercio", Parahyba, 10.11.1901; 14.11.1901; 15.11.1901; 17.11.1901; 20.11.1901; 23.11.1901.

40 - RISOS E LÁGRIMAS, in "O Commercio", Parahyba, 15.12.1901.

41 - ENSINO PRIMÁRIO (Carta ao dr. Castro Pinto), in "A União", Parahyba, 11.04.1902.

42 - CHRONIQUETA, in "O Arauto", Mamanguape, Pb., 18.07.1902.

43 - TRANSVIADO, in "A União", Parahyba, 21.12.1902.

44 - LENDA, in "O Commercio", Parahyba, 01.02.1903.

45 - RECUERDO, in "O Commercio", Parahyba, 08.02.1903.

46 - CARTA (a Elvira Fernandes), in "O Commercio", Parahyba, 19.02.1903.

47 - CARTA (aos redatores de "O Commercio"), in "O Commercio", Parahyba, 20.02.1903.

48 - OS CORVOS DA MISÉRIA, in "O Commercio", Parahyba, 15.08.1903.

49 - OS FILHOS DE AGAR, in "O Commercio", Parahyba, 04.10.1903.

50 - AOS DO SERTÃO, in "O Commercio", Parahyba, 06.10.1903.

51 - CARTA (ao dr. Alvaro Machado), in "O Commercio", Parahyba, 05.11.1903.

52 - PARAFRASE, in "O Commercio", Parahyba, 25.12.1903.

53 - AOS DOMINGOS, in. O Commercio", Parahyba, 24.04.1904;

01.05.1904; 05.06.1904; 22.06.1904; 03.07.1904; 02.10.1904.

54 - REGRA DE FÉ (segundo os protestantes), in "O Commercio", Parahyba, 11.10.1904.

55 - DUAS PALAVRAS, in "O Commercio", Parahyba, 12.11.1904.

56 - PRELÚDIO, in "O Commercio", Parahyba, 17.11.1904.

57 - LENDA PRAIEIRA, in "O Commercio", Parahyba, 24.12.1904.

58 - INVOCAÇÃO, in "O Commercio", Parahyba, 26.02.1905.

59 - DIGRESSÃO, in "A Philippéa" nº 3, Parahyba, 16.07.1905.

60 - RESTAURAÇÃO DE MATAS, in "A Philippéa" nº 4, Parahyba, 23.07.1905.

61 - A ILHA DA CAMBÔA, in "A Philippéa" nº 7, Parahyba, 13.08.1905.

62 - A ILHA DA CAMBÔA II, in "A Philippéa" nº 9, Parahyba, 27.08.1905.

63 - OS SIMPLES, in "A Philippéa" nº 1, Parahyba, 02.07.1905; "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1907.

64 - REGENERADO, in "Revista Benjamin Constant" nº 1, Parahyba, 15.11.1905.

65 - LENDA PRAIEIRA, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1907.

66 - NOTAS, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1907.

67 - A FÁBRICA DO TIRIRY, in "Terra Natal" nº 1, Parahyba, 02.05.1905.

68 - OPINIÕES, in "O Norte", Parahyba, 08.05.1908.

69 - UM TRABALHADOR, in "Terra Natal" nº 3, Parahyba, 16.05.1908.

70 - PELO PASSADO, in "O Norte", Parahyba, 31.05.1908.

71 - PHANTAZIA (ao Arthur Achilles no dia de seu aniversário), in "Terra Natal" nº 8, Parahyba, 20.06.1908.

72 - DESHERDADO, in "O Norte", Parahyba, 23.08.1908.

73 - AO PÔR DO SOL, in "O Norte", Parahyba, 21.10.1908.

74 - MARINHA, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1908.

75 - O BOMFIM, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1908.

76 - NOVA CRUZADA, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1908.

77 - ESTRÉA FELIZ, in "Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol I, Parahyba, 1009.

78 - DR. FELICIANO DOURADO, in "Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 2. Parahyba, 1910.

79 - SUPERSTIÇÕES PARAHYBANAS, in "Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 2. Parahyba, 1910.

80 - ENTRADAS, in "Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Parahybano", vol. 2. Parahyba, 1910.

81 - NA PARTIDA, prefácio ao livro "Atravez do Sertão", de Celso Mariz, pags. III + X. Imprensa Oficial, Parahyba do Norte, 1910.

82 - SUBSÍDIO PARA A HISTÓRIA DA HYGIENE NA PARAHYBA, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 3. Parahyba, 1911.

83 - A MÁQUINA DE ESCREVER, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 3. Parahyba, 1911.

84 - ÓDIO AO MAR, in "Tic-Tac", Parahyba, 31.03.1912; "Almanach do Estado da Parahyba", 1914.

85 - DUAS PALAVRAS, prefácio nas "Primícias". Poesias de Osório Paes. Tip. Parahybana, Parahyba do Norte, 1912.

86 - QUEBRA-KILOS, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 4. Parahyba, 1912.

87 - O SEBASTIANISMO NA PARAHYBA, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 4, Parahyba, 1912.

88 - SERTÕES PARAHYBANOS, conferência realizada na "Universidade Popular", em 8 de fevereiro de 1912, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 4. Parahyba, 1912.

89 - PALESTRA GEOGRAPHICA realizada no Instituto Histórico e Geographico Parahybano, no dia 28 de abril de 1912, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 4. Parahyba, 1912.

90 - ELOGIO BIOGRAPHICO pronunciado no Instituto Histórico e Geographico Parahybano, a 9 de novembro de 1912, por ocasião da inauguração do retrato de Maciel Pinheiro, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano", vol. 4. Parahyba, 1912.

91 - EUGÊNIO TOSCANO DE BRITTO, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1914.

92 - POEIRA, in "A União", Parahyba, 24.02.1911.

93 - O FIM DA TRAGÉDIA, in "O Norte", Parahyba, 11.05.1913.

94 - O ANO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1914.

95 - PIO (pseud. de Roco), in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1914.

96 - O PLANTIO DO TRIGO NA PARAHYBA DO NORTE, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1914.

97 - ARTHUR ACHILLES DOS SANTOS, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1917.

98 - VIDA ELEGANTE DA PARAHYBA (1888-1891) - I, sob o pseud. de José Tambiá, in "Correio da Manhã", Parahyba, de 04.01.1917; II, 05.01.1917; III, 06.01.1917; IV, 09.01.1917; V, 10.01.1917; VI, 11.01.17; VII, 16.01.1917; VIII, 17.01.1917; IX, 18.01.1917; X, 19.01.1917; XI, 20.01.1917.

99 - ESTADO DA PARAHYBA (Síntese Corographica), in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1917.

100 - A MINA, in "Diário do Estado", Parahyba, 28.04.1917.

101 - O CEGO, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1918.

102 - POCINHOS, in "Almanach do Estado da Parahyba", Parahyba, 1918.

103 - AO CAIR DAS LÁGRIMAS, in "Diário do Estado", Parahyba, 08.02.1918.

104 - ZEPHA PILOTO, in "Diário do Estado", Parahyba, 01.03.1918.

105 - A VALSA DA MORTE, in "Diário do Estado", Parahyba, 15.03.1918.

106 - TYPOS POPULARES, in "Diário do Estado", Parahyba: (os ns. de

I a XVII, não foram encontrados), XVIII, 08.10.1918; XIX, 12.10.1918; XX, 20.10.1918; XXI, 27.10.1918; XXII, 01.11.1918; XXIII, 10.11.1918; XXIV, 24.11.1918; XXV, 28.11.1918; XXVI, 08.12.1918; XXVII, 15.12.1918; (XXVIII e XXIX, não foram encontrados); XXX, 01.01.19; XXXI, 12.01.1919; XXXII, 19.01.1919; XXXIII, 02.02.1919; XXXIV, 09.02.1919; XXXV, 16.02.1919; XXXVI, 23.02.1919.

107 - SOBRE A PECUÁRIA, in "Diário do Estado", Parahyba, I, 14.01.1919; II, 15.01.1919; III, 16.01.1919; IV, 17.01.1919; V, 18.01.1919; VI, 21.01.1919; VII, 22.01.1919; VIII, 23.01.1919; IX, 24.01.1919; X, 25.01.1919; XI, 26.01.1919; XII, 28.01.1919; XIII, 04.02.1919; XIV 05.02.1919; XV, 06.02.1919; XVI, 07.02.1919; XVII, 08.02.1919.

108 - IMPRESSÕES E SAUDADES, in "Diário do Estado", Parahyba, 28.02.1919.

109 - A FUGA, in "Parahyba Illustrada" nº 4. Parahyba, 30.11.1919.

110 - AVE MARIS STELLA!, in "Era Nova" nº 1. Parahyba, 27.03.1921.

111 - NOTAS HISTÓRICAS (Casa da Santa Misericórdia), in "Era Nova" nº 8. Parahyba, 15.07.1921.

112 - AS FESTAS DO IMPERADOR, in "Era Nova" nº 12. Parahyba, 15.09.1921.

113 - O SABIÁ, in "Era Nova" nº 31. Parahyba, 01.08.1922.

114 - DENTRO DE UM SÉCULO, in "O Norte", Parahyba, 07.08.1922.

115 - JOSÉ PEREGRINO ENTRE A PINTURA E A HISTÓRIA, in "Era Nova". Parahyba, 01.10.1922.

116 - PÉROLA EM MONTURO, in "Era Nova" nº 38. Parahyba, 24.12.1922.

117 - SCHEMA HISTÓRICO DA PARAHYBA, in "Almanach do Estado da Parahyba". Parahyba, 1922.

118 - DUAS PALAVRAS (Prefácio ao livro "Pontos de História do Brasil", de Eudésia Vieira). Imp. Oficial, Parahyba, 1922.

119 - ARABESCOS, in "O Norte", Parahyba, I, 26.07.1923; 2, 27.07.1923; 3, 28.07.1923; 4, 29.07.1923; 5, 01.08.1923; 6, 02.08.1923; 7, 05.08.1923; 8, 07.08.1923; 9, 08.08.1923; 10, 09.08.1923; 11, 11.08.1923; 12, 14.08.1923; 13, 15.08.1923; 14, 17.08.1923; 15, 18.08.1923; 16, 21.08.1923; 17 (numerado 21), 22.08.1923; 18, 23.08.23; 19, 24.08.1923; 20, 25.08.1923; 21, 26.08.1923; 22, 28.08.1923; 23 (numerado 24), 31.08.1923; 24, 01.09.1923; 25, 02.09.1923; (houve um salto na numeração); 27, 04.09.1923; 28, 05.09.1923; 29, 06.09.1923; 30, 07.09.1923; 31, 09.09.1923; (32 e 33, não foram encontrados), 34, 14.09.1923; 35, 16.09.1923; 36, 19.09.1923.

120 - O LÍRIO DO BREJO, in "Era Nova", nº 49, Parahyba, 23.08.1923.

121 - O MUNDO MARCHA, in "O Norte", Parahyba, 06.10.1923.

122 - ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO, in "O Norte", Parahyba: I - 07.10.1923; II - 09.10.1923; III - 10.10.1923; IV - 11.10.1923; V - 12.10.1923; VI - 13.10.1923; VII - 18.10.1923; VIII - 21.10.1923; IX - 23.10.1923; X - 24.10.1923.

123 - SEPTENARIO, in "O Norte", Parahyba, 30.10.1923.

124 - O PADRE AZEVEDO, in "Era Nova" nº 55, Parahyba, 25.12.1923.

125 - DO POÇO A RIO TINTO, in "O Norte", Parahyba: I - 01.01.1925; II - 02.01.1925; III - 04.01.1925; IV - 06.01.1925.

126 - CONSPIRAÇÃO, in "Era Nova" nº 81, Parahyba, 15.06.1925.

127 - A FUNDAÇÃO DA PARAHYBA (Conferência realizada no IHGP, no dia 5 de agosto de 1925), in "A União", Parahyba, 08.08.1925.

128 - COTAS HISTÓRICAS, in "O Norte", Parahyba, 22.06.1926.

129 - OS TRÊS CRIMINOSOS, in "A União", Parahyba, 03.07.1927.

130 - SOCIEDADE DE AGRICULTURA, in "O Jornal", Parahyba, 02.11.1924.

131 - UMA DÚVIDA BIOGRAPHICA (parahybano, o célebre naturalista Arruda Câmara), in "A União", Parahyba, 11.05.1926.

132 - A MACHINA DE ESCREVER (Carta ao dr. Mário Melo), in "A União", Parahyba, 11.09.1926.

133 - HISTÓRIA DE UM PINTOR CONTADA POR ELE MESMO, in "A União", Parahyba, 30.12.1926.

134 - INDÚSTRIA SERÍCOLA, in "A União", Parahyba, 12.02.1927.

135 - NO TEMPO DAS MODINHAS, in "A União", Parahyba, 10.07.1927.

136 - A LICENÇA, in "A União", Parahyba, 17.07.1927.

137 - O ÍNDIO PYRAGIBE, in "A União", Parahyba, 05.08.1927.

138 - COBERTA DE TACOS, in "A União", Parahyba, 09.08.1927.

139 - NO TEMPO DO MESTRE ESCOLA, in "A União", Parahyba, 12.10.1927.

140 - DURANTE UM SÉCULO, in "A União", Parahyba, 15.10.1927.

141 - NOTA HISTÓRICA (para a biographia de Felix Antônio Ferreira de Albuquerque, herói e mártir da Confederação do Equador), in "A União" Parahyba, 29.10.1927.

142 - A FONTE MILAGROSA E SUA LENDA, in "A União", Parahyba, 30.10.1927.

143 - PYRAGIBE, in "Nossa Terra", Rio de Janeiro, nº XXV, 1927.

144 - A PÉ-OU-A-PÉS?, in "A União", Parahyba, 12.02.1928.

145 - AO PE DAS RUINAS, in "A União", Parahyba, 01.04.1928.

146 - CARTA AMIGA (a José Américo de Almeida, sobre "A Bagaceira"), in "A União", Parahyba, 08.05.1928.

147 - A SERICULTURA NO BRASIL, in "A União", Parahyba, 22.05.1928.

148 - O COSMORAMA, in "A União", Parahyba, 26.08.1928.

149 - CARTA a Joaquim Inojosa, in "Jornal do Commercio", Recife, Pe., 08.08.1924; incluída no livro "O Movimento Modernista em Pernambuco", de J. Inojosa, 3º vol., pag. 301.

150 - PUXINANÃ OU PUXINAMÃ?, in "A União", Parahyba, 19.02.1928.

151 - IMPRESSÕES - ("À Sombra das Oiticicas", "Ao Canto das Seriemas", "Paralelepipedos", "Ideas & Fatos"), in "A União", Parahyba, 02.09.1928.

152 - A CONTRA MESTRA, in "A União", Parahyba, 09.09.1928.

153 - DAS COTAS HISTÓRICAS (Procissão de Penitência), in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano" vol. 6. Parahyba, 1928.

154 - DE JULHO A DEZEMBRO DE 1824, in "Rev. do Instituto Histórico e Geographico Parahybano" vol. 6. Parahyba, 1928; "A União", Parahyba, 02.07.1924.

155 - PALAVRAS SINCERAS (Prefácio ao livro "Cantadores e Poetas

Populares", de F. Chagas Baptista. Ed. F.C. Baptista Irmão. Typ. da "Popular Editora" Parahyba, 1929.

156 - AO RODAR DO AUTO (da Capital a Bananeiras), in "A União", Parahyba: I - 06.01.1929; II - (Bananeiras) 09.01.1929; III - (Santa Fé e Areia) 10.01.1929; IV - (Moreno) 13.02.1929. Transc. no "Correio de Moreno", Moreno, Pb. 27.01.1929; II - 10.02.1929; III - 17.02.1929; IV - 24.02.1929.

157 - O BAPTISMO DOS CABRESTOS, in "A União", Parahyba, 17.02.1929.

158 - A NOIVA DO CANGACEIRO, in "O Norte", Parahyba, 17.02.1929.

159 - O ASSOBIO, in "Correio de Moreno", Pb. 08.05.1929.

160 - DEPOIS DA CANGICADA, in "Serões de Junho", Parahyba, 1929.

161 - O THALAMO DE MANAÍRA, in "Serões de Junho", Parahyba, 1929.

162 - A LENDA MANGA JASMIM, in "Serões de Junho", Parahyba, 1929.

163 - A MODA, in "Serões de Junho", Parahyba, 1929.

164 - TRADIÇÃO E CRENÇA, in "Serões de Junho", Parahyba, 1929.

165 - A CASA DA PÓLVORA, in "O Norte", Parahyba, 11.05.1929.

166 - SUGESTÕES (histórias de Moreno e Bananeiras), in "Correio de Moreno", Parahyba, 24.11.1929.

167 - PARECER sobre "Indícios de uma civilização antiquíssima", de autoria de José Azevedo, MMSS oferecidos ao IHGP, In "A União", Parahyba, 04.04.1930.

168 - UMA CARTA ao jornal "Liberdade", Pb., sobre o movimento de amparo à família do tribuno Genésio Gambarra, João Pessoa, Pb., 09.02.1931.

169 - OUTRORA E HOJE (Fisiografia do local onde Martim Leitão situou a metrópole paraibana). In GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História da Paraíba, nº 1. Paraíba, outubro, 1931.

170 - SOL CRIMINOSO (Bibl. d'"O Norte"), in "O Norte", João Pessoa, PB., 08.10.1931.

171 - AS INICIATIVAS DE ROHAN, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 3, João Pessoa, Pb. dezembro de 1931.

172 - MEIA TIRA, in "Correio de Moreno", Pb., 03.02.1929; 03.03.1929; 10.03.1929; 17.03.1929; 24.03.1929; 07.04.1929; 14.04.1929; 21.04.1929; 19.05.1929; 26.05.1929.

173 - AO SABOR DA LEMBRANÇA, in "Almanaque do Estado da Paraíba", João Pessoa, Pb. 1932.

174 - DO TEMPO DE CREANÇA (1889), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 4. Paraíba, 1932.

175 - OUTROS TEMPOS... OUTROS NOMES (nome de origem de certas ruas), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 5 e 6, fevereiro/março de 1932.

176 - MANUEL DE ARRUDA CÂMARA (Elogio Biográfico), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 5 e 6, fevereiro/março de 1932.

177 - DAS MINHAS NOTAS (São Mamede), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 7, abril de 1932.

178 - "A PHILIPPÉA" (revista), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinho de Geografia e História de Paraíba, nº 11, agosto de 1932.

179 - DAS MINHAS NOTAS (O Padre Aristides), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 12, outubro de 1932.

180 - UMA CARTA a propósito do decreto sobre "As condições do Trabalho dos Menores na Indústria em Geral", datada de 28.01.1933, in "Brasil Novo", João Pessoa, Pb. 31.01.1933.

181 - A PONTE DA POVOAÇÃO ÍNDIO PYRAGIBE, in "Brasil Novo", João Pessoa, Pb., 28.06.1933; transc. de "A Imprensa" da mesma data.

182 - DAS MINHAS NOTAS (João Pessoa), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 1, ano III, Paraíba, 1933; II - nº 2, ano III; III - nº 3, ano III; IV - nº 4, ano III, 1934; V - nº 5, ano III; VI - nº 6, ano III, 1935.

183 - ALBERTO DE BRITO (Conferência realizada na Aliança Proletária Beneficente, Av. Benjamin Constant, 117, Jaguaribe, no dia 10.12.1933, in "A União", João Pessoa, Pb., 20.12.1933.

184 - JOSÉ MANOEL DOS ANJOS (Conferência realizada na Rádio Clube da Paraíba, no dia 6 de fevereiro de 1933; publicada na "A União", João Pessoa, Pb. 08.02.1933.

185 - A CAPITAL (1832-1932), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 1, ano III, maio de 1933; cont. no nº 2, julho de 1933, e nº 3, dezembro de 1933.

186 - PORQUE A PARAÍBA NÃO TEVE UMA ACADEMIA DE DIREITO, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 1, ano III, Paraíba, 1933.

187 - D. PEDRO II E A PARAÍBA, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb. 08.12.1933.

188 - A VOLTA DA BONANÇA, in "Almanaque de Campina Grande", Campina Grande, Pb. 1933, pags. 102/3.

189 - A IMPRENSA PARAIBANA, in "Almanaque do Estado da Paraíba", João Pessoa, Pb., 1934.

190 - PARECER SOBRE O LIVRO DE INSCRIÇÕES PETROGRÁFICAS, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 8, João Pessoa, Pb. 1934.

191 - DE LESTE A OESTE, in "A União", Pb., I - 11.09.1934; II - 12.09.1934; III - 13.09.1934; IV - 14.09.1934; V - 15.09.1934; VI - 16.09.1934; VII - 18.09.1934; VIII - 20.09.1934.

192 - DEPOIS DA LEITURA (sobre os versos de Américo Falcão), in "A União", João Pessoa, Pb., 29.01.1935.

193 - A PROPÓSITO DE "COUTEIROS", in "O Norte", João Pessoa, Pb., 02.04.1935.

194 - QUEM NÃO PEDE..., in "O Norte", João Pessoa, Pb., 03.04.1935; 04.04.1935; 05.04.1935.

195 - LENDA PRAIEIRA, in "Fogueiras e Mastros", revista sanjoanesca, João Pessoa, Pb., 1935.

196 - VALSA DA PERDIÇÃO, in "Fogueiras e Mastros", revista sanjoanesca, João Pessoa, Pb., 1935.

197.- SANTO DE CASA, in "A União", João Pessoa, PB., 25.05.1935.

198 - "LADRA", in "A União", João Pessoa, Pb., 08.06.1935.

199 - SUPERLATIVOS POPULARES, in "Ilustração" nº VIII, João Pessoa, Pb., julho, 1935.

200 - CARNAVAL DE ONTEM, CARNAVAL DE HOJE, in "Ilustração" nº 20, João Pessoa, Pb., fevereiro, 1936.

201 - POR UM SÉCULO DE ENSINO SECUNDÁRIO (Palestra no Liceu Paraibano por ocasião do 1º Centenário de fundação), in "A União", João Pessoa, Pb., 26.03.1936.

202 - CAPOEIRAS, in "Ilustração", nº 22, João Pessoa, Pb., abril, 1936.

203 - JOSÉ RODRIGUES DE CARVALHO (o paraibano), in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 8 e 9, ano IV, abril de 1936.

204 - BAÍA DA TRAIÇÃO, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, nº 10, ano IV, maio de 1936.

205 - CENTENÁRIO NOVISSIANO, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 11.06.1936.

206 - PELA TRADIÇÃO, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 04.09.1936.

207 - MONUMENTO A PIRAGIBE, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 05.09.1936.

208 - A HISTÓRIA DE ZÉ FERNANDES, in "O Norte", João Pessoa, Pb. 06.09.1936.

209 - A PROPÓSITO DO ENSINO PROFISSIONAL, in "Revista do Ensino" nº 13, João Pessoa, Pb., setembro de 1936.

210 - AS PRIMEIRAS RUAS DE JOÃO PESSOA, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 11 e 12, ano V, novembro de 1936.

211 - SOBRE "MANAÍRA", in "A União", João Pessoa, Pb. 16.01.1937.

212 - EVOLUÇÃO DO ENSINO NA PARAÍBA (Palestra realizada no Rotary Club de João Pessoa), in "A União", João Pessoa, Pb., 25.01.1937.

213 - LIVRO DE PARAIBANO, in "Folha do Estado", João Pessoa, Pb., 15.02.1937.

214 - PROVÉRBIOS INGLEZES, in "Folha do Estado", João Pessoa, Pb., 08.03.1937.

215 - LIVROS, in "Folha do Estado", João Pessoa, Pb., 22.03.1937.

216 - LEITURAS, in "A União", João Pessoa, Pb. 01.07.1937.

217 - UMA VIDA DE SINGULARIDADE, TODA VOLTADA PARA O BEM, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 21.08.1937.

218 - O CORPO DE POLÍCIA, in "A União", João Pessoa, Pb., 01.07.1937.

219 - RUAS DA CAPITAL, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., I - 08.05.1938; II - 10.05.1938; III - 11.05.1938; IV - 12.05.1938; V - 13.05.1938; VI - 15.05.1938; VII - 17.05.1938; VIII - 19.05.1938; IX - 20.05.1938; X - 21.05.1938; XI - 22.05.1938; XII - 25.05.1938; XIII - 26.05.1938; XIV - 29.05.1938; XV - 31.05.1938; XVI - 02.06.1938; XVII - 03.06.1938.

220 - MUDANÇA DO NOME DE PATOS, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 10.06.1938.

221 - PITIMBU, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., I - 16.06.1938; II - 18.06.1938; III - 19.06.1938; IV - 23.06.1938.

222 - DO FUNDO D'ALMA, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 09.09.1938.

223 - PATOS, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., I - 25.10.1938; II - 26.10.1938; III - 27.10.1938.

224 - O INSTITUTO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA e sua ação entre nós. In "Boletim Semanal do Rotary-Club de João Pessoa, de 08 de maio de 1937; transc. em "Reminiscências", vol. I, de Francisco Coutinho de Lima e Moura, pags. 263/66. Imp. Oficial, João Pessoa, Pb., 1938.

225 - CARTA ao escritor Raul de Góis, datada de 12.09.1938, in "Beaurepaire Rohan, uma figura do Segundo Império", "A União" - Editora, João Pessoa, Pb. 1938.

226 - CARTA (Prefácio ao 1º vol. de "Reminiscências". de F. Coutinho de Lima e Moura), Ed. Imp. Oficial. João Pessoa, Pb., 1938.

227 - CUMPRIMENTOS, in "Poliantéa em homenagem ao Co. José da Silva Coutinho". João Pessoa, Pb., 18.11.1933.

228 - MESA DE JUREMA (Carta-prefácio ao livro "Curiosidades da Superstição Brasileira", de Edmundo Krug. Separata do vol. XXXV da Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Gráfica Paulista, São Paulo, 1938.

229 - COLUNA DA CREANÇA, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb. 01.01.1939.

230 - LENDAS PARAIBANAS, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba: I - A Fonte de Tambiá, ns. 3 e 4, ano VII, julho de 1939; II - A filha de Marocas, ns. 5 e 6, ano VII, setembro de 1939.

231 - "EMBOSCADAS DO DESTINO", in "A União", João Pessoa, Pb. 09.05.39.

232 - CALABAR, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 7 e 8, ano VII, janeiro de 1940.

233 - O CENTENÁRIO DO LICEU. Conferência. "A Imprensa", João Pessoa, Pb. 24.03.1936.

234 - SERÃO PRAIEIRO, in "Manaíra", João Pessoa, Pb., janeiro de 1940.

235 - CARNAVAL DE OUTRORA, in "Manaíra", João Pessoa, Pb., fevereiro de 1940.

236 - REVOLUÇÃO DE 1817, in "Manaíra", João Pessoa, Pb., março de 1940.

237 - DA LAGOA AO PARQUE, in "Manaíra", João Pessoa, Pb., setembro de 1940.

238 - GUABIRABAS E BOMFINS, in "Manaíra", João Pessoa, Pb., novembro de 1940.

239 - PALESTRA no Rotary, in "A União", João Pessoa, Pb., 26.11.1940.

240 - O 24 DE MAIO DA PARAÍBA, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 9 e 10. João Pessoa, Pb., 02.01.1941.

241 - O PROFESSOR ALVES BRANCO E O MANOEL CANTA-

GALO QUE CONHECI, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba, ns. 11 e 12. João Pessoa, Pb., 06.01.1941.

242 - DOIS ARTIGOS SOBRE D. VITAL: A jaqueira do Bispo e Dom Vital é paraibano, in GEGHP, rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba. João Pessoa, Pb., ns. 15 e 16., 31.05.1942.

243 - UM SONHO DE ROHAN, in "Manaíra" nº 17. João Pessoa, Pb., outubro de 1941.

244 - O NAUFRÁGIO DO "BAHIA", in "A União", João Pessoa, Pb., 29.01.1943.

245 - TOPONÍMIA PARAIBANA (Carta), in "A União", João Pessoa, Pb., 27.07.1943.

246 - 5 DE AGOSTO DE 1585 (Palestra proferida no Rotary Club de João Pessoa), in "A União", João Pessoa, Pb., 12.08.1941.

247 - AINDA TOPONÍMICOS, in "A União", João Pessoa, Pb., 29.08.1943.

248 - A FONTE DO CALDEIRÃO, in "A União", João Pessoa, Pb., 14.09.1943.

249 - DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA, in "A União", João Pessoa, Pb., 13.10.1943.

250 - CARTA a propósito de "Este Pedaço do Nordeste", de José Leal, in "A União", João Pessoa, Pb., 29.01.1944.

251 - JOSÉ CÂNDIDO DE SIQUEIRA DANTAS, in "A União", João Pessoa, Pb., 10.02.1944.

253 - A NATURALIDADE DE D. VITAL, in "A União", João Pessoa, Pb., 06.06.1944.

254 - MAMANGUAPE, O ARAÇAGI E A COLONIZAÇÃO, in "A União", João Pessoa, Pb., 18.06.1944.

255 - O BOM PASTOR, in "A União", João Pessoa, Pb., 10.09.1944.

256 - ALGUMAS PALAVRAS, prefácio em "Medicina na Paraíba - flagrantes da sua evolução", de Oscar Oliveira Castro. Publ. "A União" - Editora. João Pessoa, Pb., 1945.

257 - A PRECE DE JOÃO DE OLIVEIRA, in "A União", João Pessoa, Pb., 21.01.1945.

258 - "CONTRA NASSAU", in "A União", João Pessoa, Pb., 23.01.1945.

259 - O CAFÉ PARAIBANO, in "A União", João Pessoa, Pb., 24.01.1945.

260 - O ASILO BOM PASTOR, in "A União", João Pessoa, Pb., 25.01.1945.

261 - "SOMBRAS QUE TIVERAM NOME", in "A União", João Pessoa, Pb., 28.01.1945.

262 - UMA REALIZAÇÃO, in "A União", João Pessoa, Pb., 03.04.1945.

263 - PITADAS DE RAPÉ, palestra realizada no "Ciclo de Estudos Regionais", in "Revista da Academia Paraibana de Letras" nº 1, março de 1947. João Pessoa, Pb.. (Antes publicada em "A União", João Pessoa, Pb., 17 e 18.04.1945).

264 - FITOGEOGRAFIA DO BRASIL, in "Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 10. João Pessoa, Pb., 1946; "A União", João Pessoa, Pb., 18.01.1935.

265 - A CARTA COROGRÁFICA DE JULES DESTORD, in "Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Paraiba[illegible], vol. 11. João Pessoa, Pb., 1948.

266 - ARTHUR ACHILLES, in "Revis[illegible]da Academia Paraibana de Letras" nº 3, abril de 1948. João Pessoa, [illegible], 1948.

267 - A GUERRA DO POÇO, in "Revi[illegible] da Academia Paraibana de Letras" nº 4, outubro de 1948. João Pess[illegible]Pb., 1948.

268 - EUGÊNIO TOSCANO DE BRI[illegible] in "Revista da Academia Paraib[illegible]a de Letras" nº 4, outubro de 19[illegible] João Pessoa, Pb., 1948.

269 - A 1ª CONSTITUINTE DA PARA[illegible]A, in "Revista do Instituto Históri[illegible]o e Geográfico Paraibano, vol. 12[illegible]oão Pessoa, Pb., 1953.

270 - ESCOLA DE APRENDIZES A[illegible]ÍFICES, in "Evolução do Ensino na Paraíba", do prof. José Baptista [illegible] Mello, 2ª ed., "A União" - Editora, João Pessoa, Pb., págs. 202/3. 195[illegible].

271 - CARTA ao escritor Antônio Bott[illegible] de Menezes, a propósito de "Canto do Cisne"; in "A União", Pb., 03.10.1957.

272 - O NATURALISTA ARRUDA CÂMARA É BEM NOSSO, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 13. João Pessoa, Pb., 1958.

273 - AS PRIMEIRAS RUAS DE JOÃO PESSOA, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 13. João Pessoa, Pb., 1958.

274 - O VOADOR PARAIBANO, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 13. João Pessoa, Pb., 1958.

275 - RIACHO DAS MOÇAS, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 18.02.1968.

276 - O MOVIMENTO DA ABOLIÇÃO NO NORDESTE, in "Licro do Nordeste", comemorativo do Primeiro Centenário do "Diário de Pernambuco", 1825-1925, pags. 92/96. Recife, 7 de novembro de 1925. Officinas do "Diário de Pernambuco", Pernambuco, Brazil.

277 - NA FÁBRICA DE TINTAS. In "A União", João Pessoa, Pb., 30.01.1936.

278 - UMA IDÉA. In "Aurora" nº 2, órgão da Academia Estudantil Paraibana, João Pessoa, Pb. 17.10.1936.

3. Publicação que dirigiu.

1 - A PHILIPPÉA. Revista. Literária, Commercial, Agrícola, Política, Religiosa, Científica, Artística, Industrial e Humorística. Typ. e Lith. Jayme Seixas & Cia., à rua Visconde de Inhaúma ns. 5 e 7. Parahyba do Norte. Publicação semanal. O 1º número circulou no dia 2 de julho de 1905. Nove edições publicadas regularmente.

"Fui seu diretor, - escreve Coriolano. Foi "A Philippéa" a primeira revista que se editou na Paraíba. Seu fundador, um paraibano operoso e amigo de sua terra cuja memória não pode ser esquecida.

Refiro-me ao coronel Antônio Pereira Peixoto, natural de Mamanguape, adiantado industrial nesta metrópole, depois de o ter sido na do Rio Grande do Norte.

Peixoto assim era conhecido na roda de amigos, mostrava-se um espírito jovial, sobejamente educado, graças ao seu esforço e a convivência entre

homens ilustres e pessoas da melhor sociedade. Era íntimo desse adorável Castro Pinto, de Rodrigues de Carvalho, de Arthur Achilles, dos drs. Pedro Velho, Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Eloy de Souza e vários outros brasileiros de merecimento. Nesta Paraíba, na década de 1900 a 1910, todos do numeroso grupo de rapazes que se dedicavam ao jornalismo por Arthur Achilles, todos eram amigos do Peixoto e, bem poucos não lhe ofereceram, expontaneamente, uma quadrinha ou um folhete exaltando as qualidades dos cigarros "Santos Dumont".

Foi Peixoto quem para aqui trouxe o uso do reclamo à americana; sabia fazê-lo com um certo geito, nos momentos mais propícios; e para ressaltar o seu gosto artístico ainda existe, à rua Maciel Pinheiro, o prédio que construiu para a sua fábrica de cigarros, edifício tão moderno quanto os mais modernos de hoje!

Peixoto gostava de anunciar nos jornais, mas a seu modo; dai andar sempre às turras com as redações que o contrariavam, que o não compreendiam.

Uma tarde cheguei à "Tabacaria Peixoto" e o seu proprietário com o seu habitual sorriso onde se esbatia sempre um traço de inocente ironia, me disse:

– Vamos fundar uma revista semanal, preciso de uma publicação onde possa anunciar à vontade...

Fiz algumas ponderações e o Peixoto respondeu-me:

– Está assentado: a parte financeira me compete; a redacional é sua.

E a bico de pena demonstrou-me a viabilidade da publicação. Entrou mesmo em detalhes. Uma página de anúncios seria para os produtos que fabricava; o Antônio Pessoa, proprietário da Sapataria Pessoa, estabelecimento cujo futuro foi cortado com a morte do seu chefe, tomava outra página. Desta forma contava, e não falharam, uns dez bons anunciantes, inclusive a então afamada alfaiataria "Falbo", de Recife.

– E a oficina gráfica? perguntei.

– O Pelicano. O Seixas anda, de há muito, namorando a impressão dos rótulos, etiquetas, etc. dos meus cigarros, assim, não deixará de aceitar a composição da revista.

No dia seguinte pedimos preços às duas litografias existentes na Paraíba. A "Torre Eiffel" apresentou um orçamento elevadíssimo, o Seixas, porém, fez proposta mais razoável.

Queríamos que o exemplar da revista fosse vendido a duzentos réis, mas pelo cálculo feito, inclusive a porcetagem do gazeteiro, custava o exemplar duzentos e vinte réis. Os anúncios, porém, cobririam a diferença e as despesas de expediente.

E animado pelo Peixoto, no dia 2 de julho de 1905, um domingo, saiu o primeiro número d' "A Philippéa", sendo então considerado caso único nos anais da imprensa paraibana, o ter-se esgotado dentro de 24 horas, uma edição de mil exemplares!

A colaboração foi excelente, e enquanto "A Philippéa" existiu não deixaram de figurar nas suas colunas os nomes de Castro Pinto, Arthur Achilles, Manoel Tavares, Flávio Maroja, Matheus de Oliveira, Orestes de Brito, Américo Falcão, Maximiano Fernandes, Francisco Barroso e muitos outros. A parte artística foi confiada a Antônio Jayme e Nilo de

Reprodução fac-similar da capa do primeiro número

Andrade, tendo Genésio de Andrade se aparelhado para um completo serviço de clichagem.

A publicação era semanal; continuou vitoriosa e, talvez por isto, o impressor deu início a uma série de exigências, chegando ao ponto de não podermos satisfazê-las.

Procuramos imprimí-la na tipografia d'"A República", de lá saiu o último número, pois além de não contarmos com a boa vontade dos diretores desta empresa, não possuia ela material suficiente para encarregar-se da composição.

Ainda tentou Peixoto imprimir a revista no Recife, nas oficinas gráficas da Lafayette, mas surgiram vários impecilhos pelo que se combinou a suspensão da revista.

Assim "A Philippéa" viveu com os seus próprios recursos sem auxílio ou ligação do governo, desaparecendo, não à falta do amparo público, mas pela falta de um estabelecimento em que pudesse imprimir-se.

O seu verdadeiro fundador foi o Peixoto, que mais tarde, em 1914 ainda concorreu para a fundação do "Jornal do Commercio", falecendo no segundo mês de publicação desse diário, desaparecido sob as dificuldades criadas pelas imposições partidárias...".

2 - JORNAL DO COMMERCIO. Diário independente. Typ. e Lith. Jayme Seixas & Cia., à rua Visconde de Inhaúma ns. 5 e 7. Parahyba do Norte. O 1º número circulou no dia 14 de fevereiro de 1914. Colaboradores: Rodrigues de Carvalho, Rocha Barreto, Arthur Achilles e Celso Mariz.

Do artigo programa: "Esta folha defenderá os interesses do comércio, mas os interesses que dizem respeito a toda corporação, e sendo órgão da nobre classe o é também do povo; se do primeiro tem que trabalhar por sua prosperidade, garantia e desenvolvimento, do segundo, será o éco de suas necessidades, o porta-voz de suas dores e de suas alegrias. E fa-lo-á sem a explosão violenta dos revoltados, sem o irônico sibilar dos maldizentes.

Nos tempos que correm, plenos de impolidez e insolências, o afrouxamento da educação e do civismo, uma ageitada interpretação da liberdade, têm produzido a irreverência, a falta de respeito às autoridades constituídas, com o que não podemos convir, a menos que tais entidades não se tenham por seus atos excluídos da consideração. Podemos reclamar sem defender, criticar sem produzir irritação, usar a sátira polida ou a verve sadia, castigar por dever de ofício e justas exigências e nunca por mera satisfação.

Este jornal, sob sua responsabilidade, não atacará ninguém: defenderá quando julgar de justiça e defender-se-á com a energia precisa, quando for atacado.

Mantém, como folha independente, o direito de crítica aos homens, aos governos, às instituições, respeitando os princípios da moderação, da imparcialidade e do critério.

À disposição dos que pretenderam tratar de interesses pessoais, à disposição dos que julgarem oprimidos, sob suas responsabilidades competentemente legalisadas, estará a seção paga deste quotidiano e nela haverá má-

xima liberdade de dizer, desde que não se ultragem as normas da boa educação e da decência".

Viveu pouco tempo.

3 - ALMANACH DO ESTADO DA PARAHYBA para 1914. Quarta fase de publicação. Imprensa Oficial, rua Duque de Caxias, 2. Parahyba do Norte.

Nota "Ao Leitor": "A primeira (fase), dirigida pelo criterioso sr. José Moura, operou durante três anos, oferecendo-nos magníficos exemplares de literatura informativa e beletrística.

A segunda, após longa interrupção, veio com o saudoso Maximiano Machado, filho do historiador de igual nome, organisando o Almanach em 1908 e 1909, senão com grande peso; mas, ainda assim, com significativa utilidade.

A terceira, deu-na a reconhecida capacidade do sr. coronel João Lyra, produzindo quatro edições de subida estimativa.

Todos tiveram seu critério louvável, cada qual se salientando por um esforço próprio neste ou naquele sentido, doando-nos, sempre com obra de merecimento.

Diz-nos a consciência não podemos acompanhar a desenvolvida orientação desses laboriosos patrícios que nos antecederam na fatura do Almanach da Parahyba.

Começando um pouco tarde para a nova colheita de materiais, no primeiro ano em que nos foi cometido este paciente e considerável trabalho, só o que aí fica podemos desta vez realizar".

4 - SERÕES DE JUNHO, folk-lore, organizado por Zé Foguete (Coriolano de Medeiros). Imp. na Typ. e Lith. Jayme Seixas & Cia. Parahyba do Norte, 1929. Publicação dedicada aos festejos da temporada sanjoanesca, inserindo variada colaboração em prosa e verso. Destinava-se a levar alegria a muitos serões festivos das noites de São João e São Pedro.

Da sua apresentação: "Caro leitor: nestas noites chuvosas ou serenas de estrelas coruscantes espiando do céu os habitantes da terra; nestas noutes rumorosas de pistolas, de traques, de rojões, de cangicas, pamonhas, de mijões, quando o tédio da insônia, já se vê, dominar-te, pega este livro e lê! E tu, mimosa e meiga faceirinha, melindrosa gentil fazendo o desespero dos rapazes deste lindo recanto do Brasil; tu que vives em anseios todo o dia, num sonho azul de amor e de alegria, ininterrompido; se queres advinhar se o teu marido é velho, é rico, ou rapaz de belo porte abre este livro, consulta tua sorte!"

5 - GEGHP (Órgão do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba)). Imp. nas oficinas gráficas da Livraria São Paulo, rua Maciel Pinheiro, 160. João Pessoa, Pb. O 1º número circulou no dia 27 de outubro de 1931. Dirigiu, a partir dos ns. 3-4, vol. III, julho de 1939, em substituição ao escritor Pedro Baptista, falecido em 3 de setembro de 1938.

"Do nosso Regimento - dizem as "Palavras da Redação", nos citados números - é fazer-se a impressão deste Boletim, quando as circunstâncias nos permitirem; e assim vamos procedendo.

A princípio, abrimos assinaturas na suposição de um auxílio às nossas despesas mas o emperro dos pagamentos não correspondia ao compromisso que assumíamos, cobrindo-se, constantemente, os débitos com os nossos minguados recursos particulares. Por isso, a partir de agora, não temos mais assinaturas, distribuindo-se esta publicação, gratuitamente entre sócios, sociedades de História e Geografia nacionais e estrangeiras, e entre pessoas reconhecidamente interessadas pelos nossos estudos.

Fácil é compreender que a nossa tiragem será parcimoniosa e parcimoniosa a sua distribuição".

4. Fonte de informação.

1 - DIAS PAREDES - Coriolano de Medeiros, in "O Commercio", Parahyba, 30.11.1901.

2 - AMÉRICO FALCÃO - Coriolano de Medeiros, in "O Commercio", Parahyba, 30.11.1904.

3 - J. C. CARNEIRO MONTEIRO - "Diccionario Chorographico", in "A União", Parahyba do Norte, 17.12.1914.

4 - S. (oares) D'A. (zevedo) - "Diccionario Chorographico do Estado da Parahyba do Norte", in "Vozes de Petrópolis", ano IX, nº 5 (Bibliografia), Petrópolis, Rio de Janeiro, 1915.

5 - JOSÉ LINS DO RÊGO - Coriolano de Medeiros (Ligeiros Traços - IX), in "Diario do Estado", Parahyba, 30.01.1919.

6 - AMÉRICO FALCÃO - "Quadras íntimas" a Coriolano de Medeiros, fraternalmente, in "Era Nova" nº 19. Parahyba, 25.01.1922.

7 - AUGUSTO BELMONT - "O Thesouro da Cega", in "O Norte", Parahyba, 08.08.1922.

8 - ISAAC PINTO - Sobre "O Thesouro da Cega", in "O Norte", Parahyba, 23.08.1922.

9 - CONDE AFONSO CELSO - "O Thesouro da Cega", in "O Norte", Parahyba, 13.09.1922.

10 - JOÃO SERRÃO - "O Thesouro da Cega", in "O Norte", Parahyba, 13.09.1922.

11 - JÚLIO LYRA - "O Thesouro da Cega", in "O Norte", Parahyba, 11.10.22.

12 - FERNANDO DO Ó - "O Thesouro da Cega", in "O Norte", Parahyba, 11.10.1922.

13 - "O THESOURO DA CEGA", nota in "O Norte", Parahyba, 14.07.1922.

14 - "A UNIÃO" - "Mestres que se foram", Parahyba, 16.03.1926.

15 - JOAQUIM INOJOSA - "Mestres que se foram", de Coriolano de Medeiros. Publ. no "Jornal do Commercio, Recife, Pe., 04.04.1926; "Crítica e Polêmica" II, pag. 198. Ed. Ferias Ltda. Rio, Gb. (s. ind. de data).

16 - JOAQUIM INOJOSA - A Coriolano de Medeiros (Carta). In "Crítica e Polêmica" II, pag. 283-4. Ed. Ferias Ltda. Rio, Gb. (s. ind. de data).

17 - P. A. - "O Barracão" de Coriolano de Medeiros, in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 21.01.1931.

18 - AMÉRICO FALCÃO - "Epístola rimada", in "O Norte", João Pessoa, Pb., 30.11.1934.

19 - PEDRO BAPTISTA - "Manaíra", in "A União", João Pessoa, Pb., 11.10.1936.

20 - AMÉRICO FALCÃO - "Manaíra" ou as trilhas da conquista do sertão", in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 07.11.1936.

21 - LUCIANO LACERDA - "Manaíra", in "A União", João Pessoa, Pb., 10.11.1936.

22 - ARGEMIRO DE FIGUEIREDO (Carta a Coriolano de Medeiros), in "A União", João Pessoa, Pb., 14.11.1936.

23 - CARLOS ROCHA - "Manaíra" (Carta a Coriolano de Medeiros), in "A União", João Pessoa, Pb., 26.11.1936.

24 - AURÉLIO DE ALBUQUERQUE - "Manaíra", in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 11.12.1936.

25 - AFFONSO DE E. TAUNAY - Prefácio do Romance "Manaíra", de Coriolano de Medeiros. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1936.

26 - VENÂNCIO DE F. NEIVA - Sobre "Manaíra", in "A União", João Pessoa, Pb., 06.01.1937.

27 - Pe. MANOEL OTAVIANO - "Manaíra", in "A União", João Pessoa, Pb., 11.02.1937.

28 - "BOLETIM DE ARIEL" - "Manaíra", in nº 3, ano VI, pag. 75. Rio de Janeiro, 1936.

29 - NAIR DE ANDRADE - "Manaíra", in "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 02.03.1937.

30 - HORTENSIO DE SOUZA RIBEIRO - "Manaíra", in "A União", João Pessoa, Pb., 04.07.1937.

31 - ANALICE CALDAS - "Manaíra", in "A União", João Pessoa, Pb., 15.08.1937.

32 - LAURO BORBA - A Geografia da Novela "Manaíra", in GEGHP ns. 1-2, de 27.11.1937 (transc. do "Diário de Pernambuco", Recife, Pe.).

33 - ORRIS BARBOSA - O Tambiá da minha infância, in "A União", João Pessoa, Pb., 17.11.1942. Carta.

34 - EPIFÂNIO DA FONSECA DORIA - "Tambiá da minha infância", in "A União", João Pessoa, Pb., 24.12.1942.

35 - LUIZ DA CÂMARA CASCUDO - "Tambiá da minha infância", in "A União", João Pessoa, Pb., 01.01.1943.

36 - GLÁUCIO VEIGA - Essa coisa imóvel que é o passado. In "A União", João Pessoa, Pb., 09.01.1943.

37 - LAURO BORBA - "Tambiá da minha infância" (carta ao professor Coriolano de Medeiros), in "A União", João Pessoa, Pb., 26.01.1943.

38 - IVONE PINTO - Tambiá do meu tempo. In "A União", João Pessoa, Pb., 09.02.1943.

39 - JOSÉ CLEMENTINO DE OLIVEIRA - "Tambiá da minha infância", in "A União", João Pessoa, Pb., 12.01.1943.

40 - JOSÉ JUREMA CARVALHO - "Tambiá da minha infância", in "A União", João Pessoa, Pb., 23.01.1943.

41 - "JORNAL DE ALAGOAS" - "Tambiá da minha infância", transc. d'"A União". João Pessoa, Pb, 29.01.1943.

42 - ALVARO DE CARVALHO - Recordações, in "A União", João Pessoa, Pb., 02.02.1943.

43 - EPITÁCIO SOARES - O Tambiá [illegible]nha infância, in "A União", João Pessoa, Pb., 17.02.1943.

44 - ÁLVARO DE CARVALHO - Car[illegible]erta a Coriolano de Medeiros, in "A União", João Pessoa, Pb., 28[illegible]945.

45 - HORTENSIO DE SOUZA RIBEI[illegible] Cego e viúvo um velho mestre paraibano, in "O Norte", João Pesso[illegible]., 22.11.1952.

46 - CONVERSANDO COM UM MES[illegible] DE VÁRIAS GERAÇÕES PARAIBANAS - Uma tarde serena, a [illegible]ice do escritor e professor Coriolano de Medeiros - Recordando um [illegible]sado de trabalho e de glória - Uma lembrança trágica - Bacharelando [illegible]e não quiz ser bacharel - Lamentando um namoro com as Musas - [illegible]nance, História, Geografia e Folclore, a grande obra publicada - A ceg[illegible]ra e a solidão, no crepúsculo da vida - Preferências e opiniões do Mes[illegible] - A "receita" do Marechal Floriano. (Reportagem de João da Veiga C[illegible]bral) in "Correio da Paraíba", João Pessoa, Pb., 01.01.1955.

47 - PARA PODER ESCREVER CONSTRUIU UMA MÁQUINA - Conta 80 anos de idade e está inteiramente cego - Precocidade literária - Receita para se escrever um livro - A gênese de "Sampaio". (Notas de Zenith Cartaxo, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 1955).

48 - JAYME DE ALTAVILLA - Coriolano de Medeiros, in "A União", João Pessoa, Pb., 19.08.1955.

49 - ÁLVARO DE CARVALHO - "Sampaio". Carta a Coriolano de Medeiros, in "Revista da Academia Paraibana de Letras" nº 6, dez. 1955. João Pessoa. Pb., 1955.

50 - SAUDAÇÃO A CORIOLANO DE MEDEIROS - por Gláucio Veiga, pronunciada no lançamento de "Sampaio", Livraria Editora Teone, em João Pessoa. In "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 13, 1958. João Pessoa, Pb., 1958.

51 - UM LIVRO DE CORIOLANO - Nota in "A União", João Pessoa, Pb., 24.04.1959.

52 - CORIOLANO DE MEDEIROS EVOCA REMINISCÊNCIAS DA PARAÍBA, in "Correio da Paraíba", João Pessoa, Pb., 26.05.1960.

53 - A SÊCA DE 77 NOS TROUXE UM ESCRITOR - Solidão e cegueira - "Naná": um livro porco - Zé Lins escrevia mal - A Academia de Letras - Augusto, um menino macambuzio - Comércio e literatura - Uma crônica de Mário Melo. (Texto de Carlos Romero, in Suplemento literário de "O Norte", João Pessoa, Pb., 1962).

54 - AURÉLIO DE ALBUQUERQUE - O Velho Mestre, in "Correio da Paraíba", João Pessoa, Pb., 15.05.1965.

55 - Co. FRANCISCO LIMA - Coriolano de Medeiros, in "Revista Campinense de Cultura", nº 6, pags. 74-6, dezembro de 1965. Campina Grande, Pb., 1965.

56 - DEUSDEDIT LEITÃO - Coriolano de Medeiros. Presença da Paraíba em sua bibliografia (homenagem da Escola Industrial Federal da Paraíba ao seu ex-Diretor na passagem do seu 90º aniversário natalício). Of. Gráficas da Escola Industrial Federal da Paraíba. 1966.

57 - S. DE AZEVEDO BASTOS - Coriolano de Medeiros, in "A União", João Pessoa, Pb., 30.11.1967; "A Imprensa", João Pessoa, Pb., 27.11.67.

58 - FITA MAGNÉTICA contendo gravação de uma entrevista com o

prof. Coriolano de Medeiros. Entrevistadores: Reitor Guilardo Martins Alves, da UFPb.; deputado Ernani Sátyro, jornalista Juarez da Gama Batista, escritor José Urquiza e prof. Humberto Nóbrega, em sua residência à rua General Osório, 177, em João Pessoa, Pb., às 9:30 hs. do dia 05.08.1968. (Museu da Imagem e do Som).

59 - EU VIVO FÓRA DO MUNDO. Entrevista com Evandro Nóbrega, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 13.06.1971.

60 - MANUEL HENRIQUE DA SILVA (Né Marinho) - Ascendências Genealógicas de Coriolano de Medeiros. Ed. Gráfica "A Imprensa", João Pessoa, Pb., s. ind. de data.

61 - JOSÉ BATISTA DA SILVA - Homenagem a Coriolano de Medeiros, in "Jornal ASPEP", João Pessoa, Pb., novembro de 1971.

62 - "O NORTE" - Muito conhecido, mas muito pobre Coriolano de Medeiros faz 97 anos. João Pessoa, Pb., 05.12.1972.

63 - CELSO OTAVIO DE NOVAIS - Coriolano de Medeiros, in "Correio da Paraíba", João Pessoa, Pb., 08.12.1972.

64 - ERNANI SÁTYRO - Coriolano de Medeiros, in. "A União", João Pessoa, Pb., 10.12.1972; "Paraíba Cultural" III, dez. 1972.

65 - J. J. TORRES - O Mestre Coriolano de Medeiros - in "Diário de Pernambuco", Recife, Pe., 14.12.1972.

66 - JOSÉ BATISTA DA SILVA - Coriolano de Medeiros, uma lição de vivência. In "Jornal ASPEP", João Pessoa, Pb., nov. de 1973.

67 - ERNANI SÁTYRO - Adeus a Coriolano, in "A União" (Sempre aos domingos) e "Correio da Paraíba", João Pessoa, Pb., 28.04.1974.

68 - JOSÉ SOUTO - Nota (col. "Política"), in "O Norte", João Pessoa, Pb., 26.04.1974.

69 - "O NORTE" - Notícias do seu falecimento: "Poucos foram levar Coriolano", "Otacílio - História da Paraíba teve um mestre em Coriolano", "O triste fim de um homem só". João Pessoa, Pb., 26.04.1974.

70 - "CORREIO DA PARAÍBA" - Morte de Coriolano. Editorial. João Pessoa, Pb., 27.04.1974.

71 - OTACÍLIO NÓBREGA DE QUEIROZ - Coriolano de Medeiros, in "O Norte", João Pessoa, Pb., 27.04.1974.

72 - VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO - Vale a Vida, in "O Norte" (col. "Ponto de Vista"); João Pessoa, Pb., 27.04.1974.

73 - GONZAGA RODRIGUES - Coriolano, in "O Norte" (col. "Arquibancada"), João Pessoa, Pb., 27.04.1974.

74 - CORIOLANO: O Patoense que historiou a Paraíba. Homenagem da Imprensa: "O Sertão", "A União" e "O Norte", ou "O Sertão", Patos, Pb, 05.05 a 19/05/74.

Inserindo artigos de Ernani Satyro, Octacilio Nobrega de Queiroz, Gonzaga Rodrigues, Virginius da Gama e Melo, José Lins do Rego e notas biográficas.

75 - LIBERATO BITTENCOURT - Coriolano de Medeiros, João Rodrigues - em "Homens do Brasil" vol II - Parahyba (Parahybanos illustres), págs 71/73, Liv. e Papelaria Gomes Pereira, Editor, Rio de Janeiro, 1914.

76 - PAULO BOURGARD DE MAGALHÃES - Coriolano de Medeiros, em "A Parahyba e a Evolução da sua gente". Imp. Official. Parahyba, 1926.

77 - LUIZ PINTO - Coriolano de Medeiros, em "Antologia da Paraíba", págs. 255/57. Ed. Minerva Ltda. Rio de Janeiro, 1961.

78 - JOÃO RIBEIRO - Coriolano de Medeiros ("O Barracão"), em "Critica" (Obras de João Ribeiro, vol. III. Autores de Ficção, Organização, Prefacio e Notas de Múcio Leão). Publicações da Academia Brasileira. Págs. 234/35. Rio de Janeiro, 1959.

79 - LUIZ DO NASCIMENTO - Coriolano de Medeiros, em " Historia da Imprensa de Pernambuco" vols. I e III, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitaria. Recife, Pe. 1962, 1967, 1968.

80 - HORACIO DE ALMEIDA - Coriolano de Medeiros, em "Historia da Paraiba", tomo I. Imprensa Universitária, João Pessoa, Pb. 1966.

81 - VILMA DOS SANTOS CARDOSO MONTEIRO - Coriolano de Medeiros, em "Historia da Fortaleza de Santa Catarina" (col. Piragibe - 1). Imprensa Universitaria, João Pessoa, Pb. 1972.

82 - ARCHIMEDES CAVALCANTI – Coriolano de Medeiros, em "A Paraíba na Revolução de 1817", A União Editora. João Pessoa, Pb, S. Data.

83 - ARCHIMEDES CAVALCANTI - Coriolano de Medeiros, em "A Cidade de Parahyba na época da Independência" (Aspectos sócio-econômico, culturais e urbanisticos em volta de 1822). Edição comemorativa do Sesquicentenário. Imprensa Universitaria. João Pessoa, Pb, 1972

5. Jornal e Revista onde colaborou.

1 - UNIÃO TYPOGRAPHICA, Parahyba, 1894.

2 - GAZETA DO COMMERCIO, Parahyba, 1894, 1895.

3 - O COMMERCIO, Parahyba, 1900, 1901, 1903, 1904, 1905.

4 - O ARAUTO, Mamanguape, Pb., 1902.

5 - A UNIÃO, Parahyba, 1902, 1911, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1939, 1940, 1941, 1943, 1944, 1945, 1957.

6 - A PHILIPPÉA, Parahyba, 1905.

7 - ALMANACH DO ESTADO DA PARAHYBA, Parahyba, 1907, 1908, 1909, 1914, 1917, 1918, 1922, 1932.

8 - REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO, Parahyba, 1910, 1911, 1912, 1928, 1934, 1946, 1948, 1953, 1958.

9 - TIC-TAC, Parahyba, 1912.

10 - JORNAL DO COMMERCIO, Parahyba, 1914.

11 - DIÁRIO DO ESTADO, Parahyba, 1915, 1917, 1918, 1919.

12 - CORREIO DA MANHÃ, Parahyba, 1917.

13 - O NORTE, Parahyba, 1908, 1913, 1922, 1923, 1925, 1926, 1929, 1931, 1933, 1936, 1968.

14 - A TRIBUNA, Parahyba, 1919.

15 - PARAHYBA ILLUSTRADA, Parahyba, 1919.

16 - ERA NOVA, Parahyba, 1921, 1922, 1923, 1925.

17 - O EDUCADOR, Parahyba, 1923.

18 - JORNAL DO COMMERCIO, Recife, Pe., 1924.

19 - O JORNAL, Parahyba, 1924.

20 - NOSSA TERRA, Rio de Janeiro, 1927.

21 - SERÕES DE JUNHO, Parahyba, 1929.
22 - LIBERDADE, João Pessoa, Pb., 1931.
23 - GEGHP (Rev. do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História de Paraíba), João Pessoa, Pb., 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1939, 1940.
24 - BRASIL NOVO, João Pessoa, Pb., 1933.
25 - ALMANACH DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande, Pb., 1933.
26 - ANUÁRIO DA PARAÍBA, João Pessoa, Pb., 1934.
27 - FOGUEIRAS E MASTROS, João Pessoa, Pb., 1935.
28 - A IMPRENSA, João Pessoa, Pb. 1933, 1937, 1938, 1939, 1948.
29 - ILUSTRAÇÃO, João Pessoa, Pb., 1935, 1936.
30 - DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, Pe., 1933.
31 - REVISTA DO ENSINO, João Pessoa, Pb., 1936.
32 - MANAÍRA, João Pessoa, Pb., 1940, 1941.
33 - REVISTA DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS, João Pessoa, Pb., 1947, 1948.
34 - O DELTA, João Pessoa, Pb., 1967.
35 - AURORA, João Pessoa - Pb, 1936.

6. Pseudônimo.

C. M., Heráclito, José Tambiá, Libório de Assumpção, Roco, Zé Foguete, Marimbão & Cia, Estrela Dalva.

CENTENARIO DE DEODORO

O Instituto Archeologico e Geographico Alagoano tem a honra de offerecer ao Sr Coriolano de Medeiros a medalha junta, commemorativa do primeiro centenario do glorioso alagoano Deodoro da Fonseca, o fundador da Republica, que Alagoas celebrou festivamente a 5 de agosto deste anno.

O Secretario Perpetuo

[signature]

Reprodução da Medalha comemorativa do primeiro centenário de Deodoro da Fonseca conferida, pelo Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, ao prof. Coriolano de Medeiros. 1927.

III - DEPOIMENTO

1) O Homem

— Nasci em "Várzea das Ovelhas", então município de Patos, neste Estado, no dia 30 de novembro do ano de 1875, em pleno esplendor do reinado de D. Pedro II, cuja memória ainda hoje venero. Tive dois irmãos que não tiveram a felicidade de viver. De Patos, viajei p'ra cá e daqui nunca sai para morar noutro canto.

Toda a minha infância, como toda a minha vida passei nesta cidade, capital do meu Estado, para onde vim aos dois anos de idade. Mas eu tinha mãe sertaneja que, vez por outra, me despejava aos ouvidos, em toadas e narrativas, um jorro de lembranças e saudades da terra onde nasceramos. Embora longe das vistas, o meu torrão natal, sempre de mim esteve perto, conservou-se sempre enleiado na minha afeição.

Completando meus seis anos de idade, arranjou-me minha mãe, de uma camisa de lã de meu padrastro, umas calças e uma jaqueta, comprou-me um ponteiro de prata por cinco tostões, uma carta de ABC por dois vintens e me levou para a escola.

Nunca esquecerei a minha primeira "mestra", aquela que me ensinou as letras do alfabeto e a ler corrente o primeiro livro de Abílio! Chamava-se Cecília Cordeiro. Tenho-lhe o retrato nítido na memória: muito moça, branca e rosada, cabelos longos e castanhos, fisionomia distinta, maneiras simples e afáveis sem um gesto de exagero. Mantinha em 1883 uma aula particular à Praça Mãe dos Homens. Era uma escola mixta aonde começava também o seu primogênito - Antônio - que depois, já aos vinte anos, quando se tornara as melhores esperanças e o auxílio de sua genitora, por motivos ignorados, se eliminara da vida, a fortes doses de verde-paris!

Depois a família cresceu e Cecília Cordeiro fechou o seu modesto curso para cuidar da sua casa que só conheceu pobresa e sofrimento...

Foi uma das criaturas melhores, mais dignas de veneração e, também, uma das mais infelizes que já conheci. Basta dizer que morreu, tragicamente, queimada, tentanto salvar a vida de uma suicida, uma senhora residente à Rua do Portinho, que num gesto de desespero, ateara fogo às vestes. D. Cecília que casualmente chegava, no momento, tentou extinguir o

fogo, não conseguindo mais do que transmití-lo às suas próprias roupas. E morreu, no dia seguinte, no meio dos mais horríveis sofrimentos.

Deixando a escola de Cecília Cordeiro, levaram-me ao curso particular de **seu Quintino**, à Rua do Tanque. O "mestre" era homem de cor, jamais seu vestuário passou de calças brancas, camisa rigorosamente polida, sapatos de trança e nada mais. Arrimava-se numa bengala que lhe evitava maior coxera e os cantos dos lábios chupavam, invariavelmente, através de esguia ponteira de **espuma**, um reforçado cigarro "Apollo". Morava em companhia de uma irmã, tendo a casa duas salas de frente: numa localizou-se a aula; na outra, pescadores e canoeiros, guardavam, sob aluguel, velas, remos, anzoes, rêdes e demais utensílios de sua profissão. Junto à escola, ao começar a Rua S. Pedro Gonçalves, havia espaçoso terreno baldio que recebia o lixo da cidade. Ali estava formidável monturo que tresandava sempre e aonde tripudiavam orquestrando grunhidos e ladridos, dezenas de suinos e matilhas de cães famintos!

Tinha horror àquela escola que principiava os trabalhos às nove horas da manhã.

Muitas vezes dali saía às quatro e meia da tarde galgando a ladeira de S. Francisco doído de fome e de mãos ardendo pelas fricções da palmatória!

E não havia reclamação que me fosse útil, porque a respeito do assunto, eram axiomas da época:

— O melhor mestre, é o que se mostra mais severo.

— O menino de estômago vasio não se demora na rua.

Não fiquei mais de um ano na escola de **seu Quintino** a quem devo ter aprendido de "cor e salteado" as taboadas de somar e diminuir e mais algumas regras de ortografia graças aos rigorosos e repetidos argumentos de soletração de vocábulos.

Tinha de dez para doze anos quando fui tomando gosto pelas letras. Lembro-me bem de uma família que morava perto de mim e que tinha um rapaz que gostava muito de fazer e recitar versos. A mãe do moço também tinha a mesma mania. Fui me encostando por ali e quando foi um dia, compuz uma poesia parecida com a história da raposa e das uvas. A mãe do rapaz disse-me que havia gostado. E com o tempo saíram outras. Tomei gosto.

Da escola de **seu Quintino** passei à de Antônio Ribeiro Guimarães, **seu Tota**, à Rua da Lagoa da Frente, hoje 13 de Maio. Era uma casa de taipa de porta e janela, quase fronteira à Travessa das Mercês.

Conservo na memória, a impressão nítida dos primeiros instantes em que ali estive. Era nove horas; sobraçando os livros, a ardosia e um caderno, transpuz a soleira, tirei o chapéu e, com a dextra, pedi a bênção do mestre. Depois arrisquei medroso olhar. A sala mal caiada, enquadrava-se no solo irregular, bem varrido e ainda úmido dos borrifos d'água que recebera.

Em dois bancos esguios e polidos no uso, se acomodavam pouco mais de doze creanças que, desfarçadamente, me inspecionavam. Num canto, presa em cordel, uma galinha cacarejava por três ou quatro pintos e, mais adiante, também atado por um dos pés, alentado galo de raça debicava milho numa quenga. Junto à janela, sobre amplo marquezão de sola, estava o **mestre**, de calças pardas e camisa branca, na posição pacífica de um beduino, sentado sobre as pernas cruzadas. O transeunte vendo-o através

da janela, se não o conhecia, o julgava pelos braços, pelo tronco e pela cabeça, a mais perfeita e vigorosa organização masculina. Olhasse de perto e teria a realidade que cumpungia, vendo-o imóvel no meio do seu marquezão, tendo ao lado pilhas de livros, cadernos, ardosias, vidros de verniz, rodas de arames, etc. Usava barba cerrada, tinha fisionomia simpática e no olhar tranquilo se divisavam às vezes, os traços esbatidos de uma dor imensa.

Moço, preparara-se a seguir a profissão de auxiliar do comércio, que fôra a de seu pai. Um dia, um banho na Lagoa, fêz-lo aleijado. Mesmo assim não desanimou: disputou uma cadeira de língua nacional, obtendo boa classificação. À falta de arrimo político, não conseguiu ser nomeado. Obteve porém permissão de abrir uma aula primária de exames reconhecidos pela Instrução Pública.

Cobrava dois mil réis por menino, pagos com a mais requintada impontualidade.

Em 1888 voltei a Patos. Por lá estive uns quatro meses. Assisti o primeiro samba, escutei o primeiro desafio, admirei o pernilongo singular, o pardavesco do genio, o Romano Caloête, cantar e florar um casamento. Havido na fazenda Tamanduá. Passava os dias no campo com os meus tios e, mais, com a avó materna, tão rica de afeições para mim! Aos domingos ia à missa na vila e, às vezes ficava para a feira no dia seguinte. Certa vez saindo da igreja, do bolso do colête saquei um pequeno relogio de prata para certificar-me mais, de que era notado, do que para vêr as horas. Num momento tinha em torno, comprimindo-me, puxando-me, azoinando-me para pegar na máquina, uma dúzia de garotos da minha idade, sendo precisa a intervenção de um tio para safar-me ileso, embora sob a manifestação ruidosa de uma vaia solene.

Matriculei-me, depois, no Colégio 15 de Agosto dirigido pelo professor Manoel Fortunato do Couto Aguiar, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Ao lisboeta Fernando Severino de Tavares coube a vice-diretoria do estabelecimento que, sob o patrocínio de altos comerciantes da praça, se instalou na Rua da Areia, transferindo-se, mais tarde, para a Rua do Tanque nº 7, chacara do Barão de Mamanguape, no sopé da ladeira de São Francisco. Esse o primeiro colégio na Capital paraibana que montou um teatrinho destinado a festas escolares, tendo de fechá-lo ante a repulsa de pais de alunos, fazendo sentir à diretoria "terem filhos ali para se instruirem, para se educarem e não para serem cômicos".

Doente, após cinco ou seis anos de ensino, retirou-se o dr. Aguiar para Pernambuco ali falecendo em 1891.

Foi ai no "15 de Agosto" que organizei um jornalzinho. Servia para criticar os colegas que não me eram simpáticos. Já me arrogava a sábio, em consequência do primeiro exame. Por essa época tive dois amigos dados às letras: José Manoel dos Anjos (7) e Theodomiro Neves Ferreira Filho (8), e, com orgulho o digo, formamos uma trindade em torno da qual se desenvolveu um núcleo de promessas. Ambos bons poetas. Neves deixou livro publicado. José dos Anjos, o mais talentoso, não deixou. Reuniram-se os dois e mais tarde eram tipógrafos. Fundaram um jornal, o "União Typographica" (9), impresso na "Torre Eiffel" de propriedade de Manoel Henriques de Sá. O jornal tinha boa feição. Foi aí que, pela primeira vez, li meu nome em letra redonda, firmando um soneto. Era horrível, mas quem

m'o dera reler!... Nele escrevi muita prosa e muito verso. Lembro-me como se fosse hoje... Um outro era a "Gazeta do Commercio" (10), de que foi diretor, a princípio, Francisco Barrozo, vindo depois a ser dirigido pelo grande Arthur Achilles, espírito irrequieto.

Publiquei vários contos, inicialmente. O conto e a poesia, eram a moda, a mania de todo o estreante daquele tempo. Eu mesmo não pude resistir à sedução das musas. E escrevi também algumas poesias, de que hoje muito me arrependo... E que discussões havia entre nós! Numa ocasião, me lembro ter dito que Júlio Verne e Ponson não eram literatos. Para a minha compreensão, só era literato quem fazia versos como Castro Alves ou escrevia contos como Coêlho Netto!

Mas éramos aspirantes de cavalgar o Pegaso e ouvindo falar da Metrificação, ficávamos apavorados. Elyseu Cezar e Ferreira da Trindade, dois nomes já feitos nesse tempo, falavam da arte métrica como de uma cousa muito transcendental. Citavam-nos os autores mas não nos emprestavam, fosse por egoismo ou porque não os possuíssem!

Perdíamos noites de sono lendo clássicos e românticos e não descobríamos o mistério. Algumas amizades com homens de letras como o Francisco Barrozo, que me foi sempre precioso e útil, nada me esclareceram.

Um dia que alegrão! por entre os alfarrabios da Livraria Arantes, quase tive uma síncope, vi na lombada de um livro: - "Hugles Blair - Tratado de Metrificação".

Custava dois mil réis, comprei-o.

À tarde, reuniu-se a trindade à esquina da rua de Santo Antônio, hoje rua Elyseu Cezar com Parque Solon de Lucena, e fez os seus primeiros estudos. Estava desvendado o segredo.

Dai a dias publiquei na "União Typographica" um soneto metrificado em regra e em regra detestável. Por causa dele tive sérios atritos com os colegas de estudos a quem fulminei com esta setença: está metrificado!

Dai por diante não me faltou mais inspiração. Escrevia versos a propósito de tudo e em toda parte nos livros, nas paredes, nos troncos das árvores.

Apesar da fecundidade nunca passei de um versificador medíocre enquanto que o José dos Anjos e o Neves se celebrisaram.

O Neves então distinguia-se na prosa e num artigo de fundo que publicou no citado jornalzinho confundiram sua pena com a de Castro Pinto.

Todos nós exultamos com a vitória do Neves e o grupo cresceu com a entrada do Lins, primo de Banjamin Lins que escrevia folhetim humorístico.

Mas a "União" suspendeu por uma vez a publicação. O José dos Anjos foi para o Norte onde morreu. Era uma das mais punjantes vocações poéticas da Paraíba e um dos meus saudosos companheiros de infância.

Eu, ele, e Neves Filho, o Lins, formamos juntos os nossos primeiros planos de conquistas literárias, e juntos começamos a nossa, até hoje, infrutífera missão.

Mais tarde, juntou-se ao grupo o Randolpho Magalhães, um desses temperamentos inexplicáveis, em que predominava o morbus da moléstia que devia vitimá-lo.

Juntos, em quaisquer esquina, formavamos as nossas sessões, onde discutíamos, às cegas, os "segredos" de metrificação, as belezas dos romances de Ponson e de Richebourg e os meios de apedrejarmos ou vaiarmos o bilontra B ou o conquistador C.

O Neves era o filósofo do grupo, sempre metódico, sempre comedido, fazendo prosa e verso; o José dos Anjos era poeta, orador e chefe das manifestações; o Lins era humorista; o Randolpho era prosador elegante e eu... era... membro da associação.

Quantas recordações dessa época dos dezoito anos!

No entanto, quando menos esperávamos, a morte levou-nos, o Lins; depois arrebatou-nos o Randolpho, e depois conduziu o José dos Anjos.

E todos morreram tão moços!

Depois, os preparatórios do Liceu Paraibano. E o ingresso na Faculdade de Direito do Recife até o terceiro ano. Apesar de achar interessante a carreira de Direito, minhas aspirações de moço levavam-se para a Medicina ou para a Escola Naval... O destino, porém, quiz que eu fosse professor. E em toda minha vida, mesmo exercendo outras profissões, eu ensinava a quantos comigo desejavam aprender. Mesmo quando, no comércio, trabalhei como caxeiro-viajante. Mesmo quando fui agricultor, lavrando a terra de um sítio em Mandacarú. Sempre ensinei, quer quisesse, quer não... E assim continuei a ensinar até 1948, encerrando a minha carreira dando aulas, já privado da vista, na "Escola Underwood" da professora Osmarina Carvalho.

Desde os tempos da mocidade, já dedicava grande interesse pelos estudos e pesquisas da História. Cresceu, ainda mais, esse interesse, com a minha acolhida na redação do Jornal "O Commercio" (11), em dias de 1900, onde como secretário, fui uma espécie de sacristão de aldeia: fazia de batisados a anúncio e correspondência. Ai principiei a interessar-me por tudo quanto pudesse aumentar a riqueza da Paraíba e, mais ainda, com a fundação do nosso Instituto Histórico, a cuja frente se encontravam homens como Irineu Pinto, Flávio Maroja, Manuel Tavares Cavalcanti, Xavier Júnior e outros, de que muito se honra, hoje, a Paraíba. Mas, a par desses estudos, que absorveram grande parte das minhas atividades, empenhei-me, também, em pesquisas geográficas e folclóricas, e, ainda, na criação de obras de ficção, tendo versado o romance, por mais de uma vez.

Com a publicação de "Sampaio", uma coletânea de crônicas da Paraíba de fins do século passado, dei por encerrada a minha carreira literária. Escrevi-o a lápis, quando já me encontrava privado da vista. Vali-me, nesse livro, do humor ferino do personagem, para reviver coisas da cidade antiga que conheci.

Hoje, os ventos frios do outono da vida não me curaram ainda a mania de recordar fatos que o poder intangível do tempo vai esbatendo no esquecimento. Fugindo-me totalmente a ação do aparelho visual, fiquei impossibilitado de consultar livros e documentos e de rever tudo quanto escrevi. Entreguei-me à mercê da lembrança e esta, muitas vezes, é confusa, desordenada e falha.

Depois que minha mulher morreu é que eu fiquei cego de verdade... não tenho mais quem leia para mim o que eu próprio escrevi. Ela era quem me alertava a memória algumas vezes. Ainda ouço-lhe a "voz e o passo costumado"... Mas sou muito resignado. Lá uma vez ou outra é que sinto uma neurastenia íntima... me controlo.

Hoje, vivo horas e horas em completo silêncio. Vivo fóra mesmo do mundo. Mas por um lado é bom. Vou aos poucos me desligando da vida, até... não ter mais saudade.

30.Nov.1971.

2) O Mestre

Evoquemos a sua figura nos últimos anos de vida, através de um trecho de reportagem de João da Veiga Cabral: "Quem passasse às horas da manhã, pela nossa velha Rua Nova, raramente deixaria de vêr à janela da casa nº 177, um velho ainda robusto, cabelos brancos, usando óculos de vidros escuros, que ali permanecia, por horas peridas, cabeça baixa, numa atitude de quem medita e escuta ao mesmo tempo.

Dos que assim o viram, poucos ignoravam quem fôsse, porque o simpático ancião era um homem que, pela sua vida e pela sua obra, havia passado, ha muito, a ser do conhecimento de todos, tornando-se espécie de patrimônio público, de um cidadão que era alvo da admiração e do conhecimento de toda uma cidade.

Alí estava Coriolano de Medeiros, o escritor, o historiador, o foclorista eminente cujo nome, – motivo de orgulho para a cultura paraibana, - se projetou no plano da cultura nacional. E alí estava antes de tudo, Coriolano de Medeiros, o professor, o grande e bom mestre que pôs o ABC e os conhecimentos humanísticos na cabeça de inúmeras gerações que hoje lhe devem os claros e seguros caminhos que seguiram na vida. Alí estava Coriolano de Medeiros, inteiramente cego, a quem durante anos frente com os livros, com cadernos escolares, com documentos dos arquivos históricos, em infindáveis buscas, roubaram-lhe para sempre a luz dos olhos.

Curvado à janela de sua casa pobre, o grande velho, o mestre insígne escutava, atento, como quem ouvia música da mais rara beleza, os ruídos, a palpitação de vida da cidade a que ele tanto amou, dando-lhe, a ela e à sua gente, todo o esforço, todo o trabalho de uma vida nobre, fecunda e esclarecida".

3) A Obra

A sua obra não me cabe julgar.

Sôbre ela poderiamos resumir no que, de Sylvio Roméro, disse Múcio Leão: "Era uma vez um gigante que saiu para trabalhar e fez o trabalho de muitos... "Era uma vez um gigante que saiu para trabalhar e fez o trabalho de muitos... "Era assim que poderiamos começar um estudo sôbre Coriolano de Medeiros, se, "á feição por exemplo de Coêlho Netto possuíssemos aquêle segredo precioso de combinar com a nua materialidade da prosa o alado encantamento da poesia. Ele era um gigante, e fez o trabalho de toda uma geração. Olhando mais de perto a sua obra, ireis verificar que não existe ramo da atividade literária que por ele deixassede ser percorrido. Iniciou-se, naturalmente, com a poesia. E da poesia partiu para os demais gêneros".

"Preso ao seu torrão natal, pelo coração e pelo cerebro, estudou-lhe os fatos com carinho, o cuidado, o entusiasmo do afeto filial. Rebuscou-lhe o passado o observa-lhe o presente com a atenção de fervoroso apaixonado. E este sentimento domina-lhe toda a avultada obra onde tanta cousa valiosa existe, quer em volume autônomo, quer nas páginas de publicações especialisadas.

Inteirou-se profundamente do passado de sua região e daí lhe provieram numerosos estudos, maiores e menores, sobre a descoberta, a colonização, o desbravamento da sua querida Paraíba, contribuição preciosa cujo valor sabem apreciar, quantos se interessam pelos fatos brasileiros.

Abrindo soluções de continuidade à primitiva diretriz, norteada pelos estudos de pura especialização histórica, passou-se Coriolano de Medeiros ao terreno da literatura, descrevendo em belas páginas os aspectos atuais da vida paraibana". (Affonso de E. Taunay, in prefácio de "Manaíra").

Coriolano de Medeiros é uma dessas paisagens fixadas pelo poeta: trens atravessando trechos de estradas e cidades. Tudo passa aos nossos olhos, mas, na realidade, nós é que passamos. O que é efêmero somos nós, o que é vugaz são os nossos julgamentos. O grande homem permanece e está fixado. Umas gerações o reconhecem e se maravilham diante dêle; outras se recusam a olha-lo. E é assim pelos tempos.

I - NOTA

(1) - CENTRO LITERÁRIO PARAIBANO. Fundado a 5 de março de 1893. A diretoria de 1897, esteve assim constituída: Presidente - dr. Luiz Manoel Gonçalves; Vice-Presidente - Arthur Achilles dos Santos; 1º Secretário - Theodomiro Neves Filho; 2º Secretário - Randolpho Magalhães; Suplentes de Secretários - Adrião Silveira e Firmino Vidal; Orador - dr. João Pereira de Castro Pinto; Tesoureiro - Amâncio Nóbrega; Bibliotecário - CORIOLANO DE MEDEIROS; Censores - Manoel Carvalho e Tobias de Pace.

(2) - INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. Fundado em 7 de setembro de 1905. Dos seus fundadores era o único vivo. Embora não assinasse a ata de fundação, integrou a primeira Diretoria do Instituto, como seu 2º Secretário: Presidente - dr. Francisco Seraphico da Nóbrega; 1º vice-Presidente - dr. Flávio Maroja; 2º vice-Presidente - Cônego dr. Santino Maria da Silva Coutinho; 1º Secretário - dr. Manuel Tavares Cavalcanti; 2º Secretário - CORIOLANO DE MEDEIROS. Suplente de 1º Secretário - Major Maximiano Machado; Suplente de 2º Secretário - Theodoro José de Souza; Tesoureiro - Tenente-Coronel - Francisco Coutinho de Lima e Moura; Bibliotecário - Irineu Ferreira Pinto; Orador - dr. João Pereira de Castro Pinto; vice-Orador - dr. João Machado da Silva; Comissão de Sindicância e Contas - drs. Pedro da Cunha Pedrosa, João Américo de Carvalho e Eutyquio Autran; Comissão de Pesquisas e Estudos Históricos - drs. Thomás Mindello, Majores Francisco Pedro Carneiro da Cunha e Arthur Achilles; Comissão de Pesquisas e Estudos Geográficos - Cônego Manoel Paiva, Prof. Francisco Barroso e dr. Cícero Brasiliense de Moura; Comissão de Redação da Revista - dr. Francisco Xavier Júnior, Coronéis José Francisco de Moura e João de Lyra Tavares.

(3) - UNIVERSIDADE POPULAR. Fundada em 15 de janeiro de 1913. A sua primeira Diretoria ficou assim constituída: Diretor-fundador o sócio correspondente dr. Symphronio Magalhães; Presidente honorário o Exmº

Dr. João Pereira de Castro Pinto; Presidente efetivo, dr. José Ferreira de Novais; primeiro, segundo, terceiro e quarto vice-Presidentes - dr. José Rodrigues de Carvalho, dr. Matheus de Oliveira, dr. Miguel Rapôso e capm. João Bonifácio de Carvalho. Oradores: drs. Alcides Balthar, Alpheu Rosas, Alvaro de Carvalho, Oscar Soares, Rômulo Pachêco, Ascendino Cunha e Octacilio de Albuquerque. 1º Secretário, major Arthur Achilles dos Santos; 2º Secretário, dr. Clemente Rosas. Suplentes, Francisco Barroso e cel. Antônio de Castro Pinto e Augusto Belmont. Tesoureiro, cel. Antônio de Brito Lyra. A comissão organizadora das conferências ficou composta dos seguintes membros: dr. Thomaz de A. Mindello, Irineu Ferreira Pinto, dr. Izaac Pinto, dr. Walfredo Guedes, Francisco de Assis Vidal, Neves Filho, João CORIOLANO DE MEDEIROS, José Joaquim de Abreu, dr. Diógenes Penna, cônego Odilon Coutinho, padre Mathias Freire, Edmundo Alverga, Alberto de Brito, Genésio de Andrade, tenente-cel. Achilles Coutinho, d. Gaspar Lefebure, tenente Camillo Ribeiro, dr. Xavier Júnior, cel. José Francisco de Moura, drª Catharina Moura e d. Angela Moreira Lima. Para membros da comissão executiva aclamaram-se os seguintes srs.: cel. Antônio Pereira Peixoto, J. Luiz Ribeiro de Moraes, cel. Manoel Garcia de Castro, cel. Joaquim Coimbra, Ulysses d'Oliveira, Nestor de Freitas, Arthur Carlos Gouvêa, cel. Ignacio Evaristo Monteiro, Albino Moreira, Carlos Alverga, José Peregrino Gonçalves de Medeiros, cel. Luiz Bahia, Araújo Filho, Murilo Lemos, cel. Joaquim Leobino Fiuza Lima, Manuel Monteiro Gomes d'Oliveira, Ananias Batalha, Brasiliano de Souza, Manoel Lopes de Mello, Benevenuto Pimentel, Anizio Mathias d'Oliveira, Ezequiel Machado e João de Barros. A comissão de propaganda ficou assim organizada: dr. João Suassuna, dr. Leonardo Smith, dr. Alexandre dos Anjos, dr. José de Almeida, Ruy Alverga, dr. João Dias Júnior, dr. Belino Souto, Meira de Menezes, prof. Sizenando Costa, prof. Francisco de Assis Silva, dr. Joaquim José Henrique da Silva e prof. Almeida Cardozo.

(4) - ASSOCIAÇÃO DE HOMENS DE LETRAS. Fundada a 22 de julho de 1917. Foi aclamada a seguinte diretoria provisória: Presidente - dr. Rodrigues de Carvalho; Secretário - dr. José Gobat; Tesoureiro - Padre dr. Pedro Anísio; Orador - dr. Alvaro de Carvalho. Fizeram-se representar, aderindo à idéia, os srs. drs. José de Almeida, Oscar Soares, Orris Soares, Padre Florentino Barbosa, José Euclides, CORIOLANO DE MEDEIROS e João de Lourenço.

(5) - GABINETE DE ESTUDINHOS DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA DE PARAÍBA. Fundaram-no, a 27 de setembro de 1931, João Rodrigues CORIOLANO DE MEDEIROS, Pedro Baptista, Hortensio de Souza Ribeiro, José Gomes Coelho e Matheus de Oliveira. Não havia diretoria eleita. De acordo com o decálogo que regia a agremiação, nas reuniões, ou sessões, se necessário, seriam aclamados um Presidente e um Secretário, cujo mandato terminaria com as mesmas reuniões.

(6) - ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS. Fundada no dia 14 de setembro de 1941, por iniciativa do prof. CORIOLANO DE MEDEIROS.

A sua primeira diretoria: Presidente - João Rodrigues CORIOLANO DE MEDEIROS; 1º Secretário - dr. Horácio de Almeida; 2º Secretário - João Ribeiro da Veiga Pessoa Júnior; Bibliotecário - Luiz da Silva Pinto; Tesoureiro - Antônio da Rocha Barreto.

(7) - JOSÉ DOS ANJOS (1874-1901). José Manoel dos Anjos, nasceu na Paraíba. Filho de Plácida dos Anjos. Mulato paupérrimo, antes de concluir seu curso primário na escola do prof. Alves Branco, foi levado às oficinas do jornal "O Conservador", dirigido pelo dr. Caetano Filgueiras, onde aprendeu o ofício de tipógrafo. Colaborou na "União Typographica" e n' "O Artista", este de propriedade do Centro Artístico. Revelando desde criança vocação para a poesia, chegou a ser um dos mais populares poetas da sua terra. Tanto no seu Estado como em Manáus e Belém, aonde também residiu, exerceu o jornalismo. Regressou à Paraíba em 1898. Não podendo mais acomodar-se nela, voltou ao Pará onde foi assassinado no dia 2 de junho de 1901. Suas poesias estão esparsas em jornais e revistas do extremo Norte.

(8) - NEVES FILHO (1875-1940). Theodomiro Ferreira Neves Filho nasceu na cidade da Paraíba a 14 de agosto de 1875. Iniciou-se na arte tipográfica ao mesmo tempo em que fazia os seus estudos preparatórios. Concluídos, estes, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, não chegando, porém, a terminar o curso. Dedicou-se, então ao ensino, fundando, em 1905, com Ascendino Cunha, o "Instituto Maciel Pinheiro" que logo fracassou com a concorrência do "Pio X", equiparado ao Colégio Pedro II, o que levou Neves Filho ao comércio, como empregado de escritório da firma Brito Lyra & Cia., na capital paraibana. Em agosto de 1913, - escreve Alvaro de Carvalho - demandou ao Rio, dedicando-se, a princípio, ao magistério, depois, a trabalhos de química industrial. Em 1915, foi investido no cargo de vice-Diretor do Instituto Philomático, no Rio de Janeiro. Em 1920, tendo sido Solon de Lucena indicado à Presidência do Estado, quiz que ele voltasse à Paraíba. Foram inúteis todos os esforços e solicitações daquele amigo. Neves recusou, terminantemente, voltar à terra natal. Poeta e jornalista. Patrono da Cadeira 23, da Academia Paraibana de Letras, fundada por Alvaro de Carvalho. Faleceu a 30 de dezembro de 1940. em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Publicou: "Arestas", versos, H. Garnier, Livreiro Editor, Rio, 1909.

(9) - "UNIÃO TYPOGRAPHICA" (1894). Publicava-se aos domingos, congregando tipógrafos (os melhores da época) das firmas Manoel Henriques de Sá e Jayme Seixas & Cia. ("Torre Eiffel" e "Pelicano", respectivamente), impresso nas oficinas gráficas da primeira, à rua Maciel Pinheiro nº 36, na capital paraibana. Redatores: Alfredo Raulinson, Neves Filho, José dos Anjos, Luiz Lins, Silvestre da Costa. Diretores: João Ferraz, Agostinho Uzeda e Arthur Cirne. Epígrafe: "As oficinas são templos/ onde todos devem ir/ p'ra dar do trabalho exemplos/ e preparar o porvir". - Damasceno Vieira. Pequeno formato, boa feição gráfica.

(10) - "GAZETA DO COMMERCIO" (1894-1897). Tri-semanal. Propriedade de Manoel Henriques de Sá. Diretor: Francisco Barroso. Escri-

tório e Redação à rua Maciel Pinheiro, 36. A partir do nº 117, endereço: rua da Gameleira, 23, entrada pela Maciel Pinheiro, 36. Em 1897 passou a ser publicado diariamente. Diretor: Castro Pinto. O 1º número circulou no dia 1º de maio.

(11) - "O COMMERCIO" (1899-1907). Diário. Órgão das Classes Conservadoras do Estado da Paraíba. Propriedade de uma sociedade anônima. Direção de Arthur Achilles dos Santos, "jornalista de pulso que fez escola em nosso meio e por vezes interpretou os sentimentos de seus coestaduanos com grande brilho e galhardia. Juntavam-se a esse vigoroso espírito de combate os moços intelectuais de então: CORIOLANO DE MEDEIROS, Alvaro de Carvalho, Oscar e Orris Soares, Manoel Paiva, Santos Netto, José de Borba, Leonardo Smith, Augusto Belmont, Espiridião de Medeiros, Alfonso Gouveia, Clemente Rosas e outros". (Alcides Bezerra). O 1º número circulou no dia 15 de novembro. Redação: Rua Barão do Triunfo, 28. Gerente: Ignacio Toscano. Por motivos políticos foi empastelado na noite de 28 de julho de 1904. Reapareceu no dia 16 de setembro do mesmo ano. Em 1905 instalou-se à rua Maciel Pinheiro, 49, onde permaneceu até sair de circulação.

II - FONTE CONSULTADA

1 - Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Hemeroteca.
2 - Biblioteca Pública do Estado. Hemeroteca.
3 - Biblioteca da Academia Paraibana de Letras.
4 - Biblioteca da Loja Maçônica "Branca Dias", João Pessoa.
5 - Arquivo de "A Imprensa", 1897-1946, João Pessoa.
6 - Arquivo de "A União", coleções de 1900-1973. Exceto o período em que circulou como Diário Oficial. João Pessoa.
7 - Arquivo e Estatística Municipal de João Pessoa. Hemeroteca.
8 - Coleções particulares, em João Pessoa, de: Coriolano de Medeiros, Eduardo Martins, Vv. Oscar de Castro, Israel Pontes, Maurílio de Almeida, Humberto Nóbrega.